

EDMILSON LYRA

# *É cada conto!*

Paty do Alferes, 2020



**INTERAGIR**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lyra, Edmilson Loureiro de  
É cada conto! / Edmilson Loureiro de Lyra.  
Paty de Alferes, RJ : Ed. do Autor, 2020.

ISBN: 978-65-86463-11-8

1. Contos Brasileiros, I. Título.

Índice para Catálogo Sistemático:

1. Contos : Literatura Brasileira B869.3

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia autorização do autor.

Capa e Contracapa:

Huskylyra Comunicação Visual

Revisão:

Thais Entriel de Castro

Ilustrações:

Bruno Almeida de Lyra e Bruna Oliveira de Lyra

EDMILSON LYRA

# *É cada conto!*

Paty do Alferes, 2020



**INTERAGIR**



## *Agradecimentos*

Ao querido confrade Vitor Ferreira, da Academia de Letras Joaquim Osório Duque Estrada, pelo convite para participar da roda literária, realizada em 2018, na Livraria Aquarius, de Miguel Pereira/RJ, com foco nos contos de Marina Colasanti. Foi assim que tudo começou. Tão impressionado fiquei com a obra dessa grande escritora que, alguns meses depois, eu me vi escrevendo os contos que aqui apresento e, obviamente, registro apenas minha alegria e satisfação dessa realização, longe de querer sugerir qualquer comparação com a obra de Marina.

A minha esposa Regina, primeira revisora e crítica de meus textos, agradeço sua paciência e perdão por interrompê-la de seus afazeres e sono.

Ao meu filho e amigo Bruno, por estar sempre entusiasmado e torcendo pelo seu pai. A minha neta Bruna, razão de tanta felicidade, carinho, amor e agra-

## *É cada conto!*

decimento. Minhas duas medalhas de ouro.

E por último, mas tão importante quanto minha família, agradeço a todos meus amigos e amigas que fazem parte dessa história, em especial, a querida amiga Elizabeth Benamor, por sua amizade, carinho, leitura, crítica e incentivo, a quem dedico o conto Emilio.

*Edmilson Lyra*

## *Sumário*

Roupa seca não arrebenta a corda	11
Espelho d'água	16
Briga de egos	20
A árvore de todas as frutas	25
Aula de vida	31
Bem-te-vi	48
A sina do construtor	53
Predador	58
O noivo	64
O menino e seu avô	72
Tropa de elite	80
O mestre	87
Colegas de trabalho	94
Emílio	99
À luz da leitura	107
Pandemia	127
Bibliografia	138



EDMILSON LYRA

# É CADA CONTO!





## *Roupa seca não arrebenta a corda*

Trabalhava de terno, mas andava de ônibus. Enquanto sua indumentária levava os vizinhos a pensarem que ele tinha um excelente salário, o transporte coletivo demonstrava a dura realidade da grana curta.

O trânsito nas grandes cidades é lento, violento e cansativo, e em uma cidade como o Rio de Janeiro, isso representa dizer que o indivíduo deve levar em torno de duas horas para chegar em casa, caso trabalhe no Centro e more em Madureira. É uma rotina desgastante, que irrita e descontrola os nervos. Nem sempre tudo isso passa antes do trabalhador chegar a sua residência, encontrar sua esposa e rever seus filhos. E quem paga essa conta?



A recepção é fria. A mulher na cozinha preparando o jantar o cumprimenta com um “oi”, a resposta é um eco. Os filhos estão concentrados em seus

## *É cada conto!*

celulares e nem percebem a chegada do pai. Nessas horas, nada melhor do que um bom banho frio.

O caminho até o quarto parece maior que o de costume, a preguiça é uma cruz. Só os mosquitos conseguem alguma reação de suas mãos. É tapa na perna, no braço, no peito. Bom remédio para afastar a letargia.

Neste momento, seu aposento inspira a imaginação e parece ser o melhor lugar do mundo. Cama e travesseiro, cavalo e arma para um guerreiro desgastado pela rotina diária. A porta está perto, mais um passo e uma explosão de nervos se instala em seu corpo, avermelha o rosto e espanta o cansaço. O que vê é ultrajante. Sua cama tomada por várias peças de roupas que acabaram de sair da corda, toalhas de banho e de mesa, bermudas e shorts, calças compridas, cuecas, calcinhas e sutiãs, camisas de malha, polo e social, meias e panos de prato, lençóis e blusas de Jersey, fronhas e meiões de futebol. O que é isso? É a pergunta que lhe resta.

Dizem que Deus está nos detalhes! E, talvez por isso, um sopro de racionalidade o tenha feito pensar que o melhor seria se acalmar, dobrar e guardar as

roupas sobre sua cama. Limpar seu campo de batalha, para montar seu cavalo e partir para um mundo, literalmente, de sonhos.

Mesmo sem saber por onde começar, a vontade de ver logo aquele lugar limpo, pareceu-lhe mais sensato iniciar seu trabalho pelas peças de maior tamanho. Pegou os lençóis para dobrar e os ficou admirando, pensando nos segredos de amor que eles guardavam, quantas vezes teriam servido de palco para o entrelace das caras-metades que ali habitavam; na sequência, achou melhor pegar as fronhas para fechar o conjunto cama, e não pôde deixar de imaginar que elas sabiam de tudo sobre seus sonhos e fantasias, pois todas as noites, abraçavam sua cabeça, ouvindo de perto ideias noturnas e pensamentos antes de dormir. Será que elas sabiam o pai-nosso e a ave-maria?



Ou será que se interessavam somente pelos sonhos mais *calientes*? As toalhas de mesa estavam na fila da dobra. Elas não exalavam qualquer sinal de que já tinham apoiado panelas, pratos, copos e xícaras de café, não continham migalhas de pão nem marcas de molho, só mostravam em suas estampas uma fazenda rica e próspera, com vacas-leiteiras e galinhas poedeiras, que exibiam seus produtos com muito orgulho, talvez na esperança de que esses matassem a fome de todos e os fizessem esquecer-se de churrascos e pratos como medalhão à piamontese e galeto assado. Por vezes, as toalhas trazem muito mais fartura do que a sobreposta; para as toalhas de banho e rosto, a ordem seria decrescente e, ao mesmo tempo em que aumentava sua vontade de ir logo para o chuveiro, as toalhas de banho carregavam em si, lembranças de luta, suor, alívio e alegria; as toalhas de rosto e os panos de prato traziam em si, o enxugamento das mãos calejadas da dona de casa e o chocolate da boca das crianças; quando pegou suas calças compridas lembrou-se do trabalho e da necessidade de se postar mais formal em certos ambientes; as bermudas o remeteram aos passeios em shoppings e os shorts, às peladas de futebol; reparou que as cuecas eram várias e percebeu que

jamais elas poderiam fechar uma delação premiada, seria o fim!

Com as roupas de casa e as suas separadas, passou a observar as peças de sua mulher e, enquanto dobrava um vestido de malha, observou que as traças fazem um estrago silencioso e transformam “roupas de sair” em “roupas de ficar em casa”; as blusas de Jersey tinham brilho e bom caimento para um corpo maduro, mas ainda em forma; observou que as roupas íntimas são constantemente lavadas e por isso, o desgaste de calcinhas e sutiãs é mais rápido e perceber isso lhe trouxe tristeza, pois a usuária nunca lhe cobrou nada, ainda que a necessária vaidade nunca a tenha deixado.

Depois de tudo dobrado e guardado, sua esposa entrou no quarto e, sem perceber o que ele acabara de fazer, perguntou:

– Até agora e você não tomou seu banho?

Ele olhou para ela incrédulo e não se conteve, puxou-a pelo braço e lhe deu um carinhoso e demorado beijo.

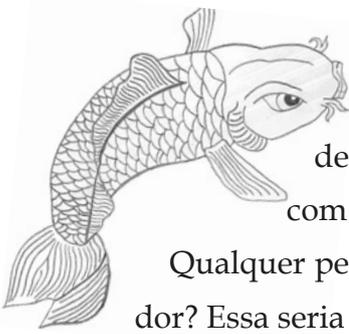
## *Espelho d'água*



Solitário, ele observava sua imagem refletida no espelho e os pensamentos voavam.

O espelho era d'água e a água de açude, seus pensamentos voavam submersos.

Pensava grande, algo em torno de 3 kg, pois pretendia mostrar a foto do troféu para todos: parentes, amigos e desconhecidos. Queria viralizar. Mas aos poucos foi percebendo que grandes conquistas requerem sacrifício e paciência. Até colocou-se do lado oposto, imaginando que poderia destruir a manhã de domingo de uma família. Talvez em uma grande família não dessem falta, principalmente, se estivessem discutindo a vida do primo, da tia ou do cunhado da vizinha. Normalmente, nesses encontros e passeios familiares, os italianos sempre são lembrados, pois todos falam ao mesmo tempo, não se escuta nada e todos entendem tudo, além de guardarem os mínimos



detalhes. Mas, e se fosse uma família com apenas três membros como a sua?

Qualquer perda seria rapidamente notada, e a dor? Essa seria enorme.

Com o passar do tempo é natural que as coisas mudem de valor e a reflexão, de uma forma geral, muda o peso e a atenção dada a determinado assunto. Com o passar das horas, chega um vento forte que balança a roseira da persistência derrubando pétalas e flores. Só os espinhos se seguram ao caule, em defesa da ideia de que é necessário mais um pouco de tempo para alcançar o resultado esperado ou, quem sabe, até um pouco menos. Talvez 1,5 kg deem para tirar uma boa foto.

O silêncio é um santo remédio para descansar a mente e trazer lembranças e, se não fosse um mosquito que zumbe em seu ouvido parecendo querer dizer algo importante, certamente, logo estaria tendo saudades de alguém. Isso acontece com todo mundo, pois quando se está tentando alcançar um objetivo, bater a meta, manter o foco, parece ser regra que alguém ou algo surja para tirar a atenção. Pobre e analfabeto, ele não conhece a palavra persistência, mas tem no san-

gue a garra e a força do trabalhador rural, não vai desistir tão fácil.

Também não tem a mínima ideia do que é planejamento, ou da importância de mudança de comportamento na vida de um ser humano, que se afoga em mágoas e críticas a todos e a tudo, mas fica inerte. Ainda que não tenha qualquer conhecimento técnico ou teórico, instintivamente, resolve mudar de lugar, procurando outra área onde tentar alcançar seu objetivo. Obviamente, acredita que isso irá mudar o seu desempenho, tem fé e acredita na sorte, claro! Todos nós acreditamos.

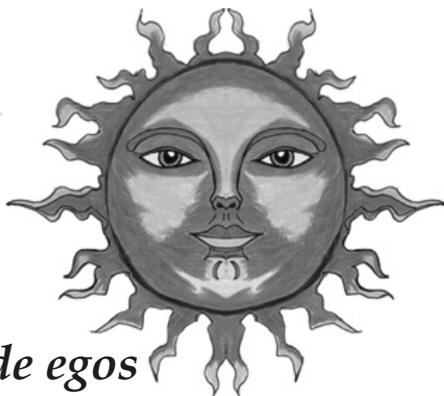
Algumas mudanças trazem esperança de dias melhores, outras, pelo contrário, provocam insegurança, medo e um natural desconforto diante do desconhecido. Quando a vontade é grande e a esperança de melhora fala mais alto, no mínimo, as forças se renovam e a luta continua. Mudar de lugar logo se mostra uma decisão acertada, pois a extensão de seu braço balança e provoca uma reação corporal automática. Enfim, a vitória.

Agora, olhando para o resultado de seu trabalho, já acha que a foto não ficaria tão boa, mesmo por-

que foi apenas uma ideia que passou por sua cabeça, pois não teria como tirá-la. Não tem máquina fotográfica nem celular. Bem, o que importa! Um retrato de 800 gramas não iria mesmo *viralizar* nas redes sociais. E isso foi apenas uma vontade, um pensamento, uma lembrança das conversas que escuta dos filhos do patrão.

Seu sonho sacudia entre os dedos. Batia-se, esperneava, lutava pela vida, suplicava para voltar para seu habitat. O homem não tinha estudo, não tinha conhecimento, mas tinha coração. E, com esse apertado, conseguiu com algum esforço arrancar o anzol e soltar o peixe.

Soltou-o... dentro de uma sacola de supermercado vazia e levou-o para casa, pensando em dar o que comer à sua família, ao seu rebento, que precisava de proteína.



## *Briga de egos*

Era uma discussão danada! Ninguém suportava mais aquela conversa, não podiam se encontrar que logo começavam a brigar. E olha que já se conheciam havia séculos. Mas o barulho que faziam era tão grande que até os deuses tapavam seus ouvidos, pois não queriam se meter no assunto nem decidir quem estava certo ou errado.

— Você alaga ruas e estradas, desabriga famílias e, ainda assim, se acha mais importante do que eu? Você só pode estar brincando!

— E o que você faz? Não pode ficar nem um pouco nervoso que logo se esquentava o suficiente para prejudicar o mundo, provocando incêndios que acabam com milhares de hectares de florestas, dizimando várias espécies da fauna e flora do planeta. Eu procuro não causar dor, não sufoco nem queimo ninguém, o

mesmo não acontece contigo!

– Não causar dor? Você não pensa no resultado de suas ações? Invade casas, arrasta carros, afoga pessoas, destrói patrimônios e sonhos de gente que passou a vida toda lutando para ter algo e acha que não causa dor?

– E o que fazes tu? Tornando a terra seca, fazendo com que muitos a larguem em busca de um ambiente mais agradável e próspero para viver. É nesta hora, na qual tu mostras tua pior face, que todos clamam por mim!

– Da mesma forma, me desejam quando tu fazes teus estragos. Quem tu pensas que depois de um grande temporal, é aguardado com grande ansiedade e esperança de dias melhores?

– Não ouço te chamarem para dar vida às flores, aos campos ou às matas! Escuto sim, as orações encaminhadas por todos aqueles que aram a terra e plantam seu sustento. Se te chamam nos campos eu nunca ouvi!

– Também nunca presenciei alguém chamar por ti, com tanto fervor, em uma grande cidade! To-

## *É cada conto!*

dos sabem bem que não podem controlar o seu jeito, pois às vezes, tu chegas tão calma e agradável, que é difícil acreditar que possas te transformar, de uma hora para outra, em uma força de tão grande destruição.

— Não é verdade! Todos sabem da minha importância para a vida. Sou eu uma das responsáveis pelas belas fotos de jardins e gramados. Pomares e hortas sabem que sou necessária e onipresente.

— Tu não és mais nada do que uma convencida! Quantos me invocam em suas férias de trabalho? A quem as crianças pedem para não faltar em suas férias escolares? Quem faz as praias e piscinas ganharem vida e graça?

— Para férias e brincadeiras tu até podes servir, mas não para trabalho! Para isso sirvo eu, que ajudo a pôr à mesa a energia do trabalhador. Frutas que se transformam em sucos e sobremesas; legumes e hortaliças que fornecem vitaminas e sais minerais; carne branca ou vermelha, não importa a cor, a proteína é o que interessa. É força e vigor para trabalhar e viver.

— Sempre exagerada em teus autoelogios! Se só o que pensas fosse importante, o mundo seria muito

mais estressante do que é hoje, mas não o é porque eu existo. Estou sempre propiciando momentos de alegria e confraternização, reunindo famílias e amigos, estou sempre presente nas melhores fotos e recordações. Não me lembro de boas fotos tuas! Bem, talvez tenha faltado luz, brilho. Hihih!

– Engraçadinho! Tu te achas mesmo o astro mais importante do mundo, não é? Achas que teu brilho ofusca a minha importância? Estás enganado, querido! Não preciso da tua luz para aparecer, com ou sem ela sempre estarei presente e, ao meu modo, sementearei alegria e felicidade para muitos, embora alguns às vezes não entendam da mesma forma, tenho um papel a cumprir e não posso sair de cena, caso contrário, só restaria sofrimento e dor!

– Para com isso! Agora também estás te achando



do a salvadora do mundo? Não exageres!

– É, não dá mesmo para conversar, você se acha! É muito esquentado mesmo, hein! Cuidado para não ter uma dor de cabeça e explodir, bonitão! Vou-me embora daqui, pois ainda há muito o que fazer. Não tenho uma vida mansa e parada como a sua. Você mais parece uma tartaruga de casco brilhante. Vou andar por aí e talvez à noite eu encontre alguém mais interessante para conversar.

– Eu é que sou esquentado! Para onde vais, levas contigo uma nuvem carregada na cabeça, e ainda assim, achas que só trazes sorte e felicidade a quem te recebe em casa, estás brincando, minha filha! Vai mesmo procurar a tua turma, mas desde já te aviso, à noite, vai ser difícil encontrar alguém que se pareça comigo. Alguns tentam, mas não conseguem ter o mesmo brilho e luminosidade. Hahaha.

E, finalmente, a discussão acabou e os deuses puderam ficar à vontade, assistindo ao lindo arco-íris que se formava, certos de que as divergências em determinados relacionamentos, também podem gerar resultados maravilhosos.



## *A árvore de todas as frutas*

Ela era uma menina adorável. Muito esperta para sua idade. Glória tinha seis anos e sabia que sua família era pobre, pois enquanto ela morava em uma pequena casa de quarto, sala, cozinha e banheiro, e dormia no sofá da sala, suas coleguinhas de colégio, tinham seus próprios quartos, camas e armários.

O quarto de seus pais era pequeno e apertado, cabendo apenas uma cama de casal e um guarda-roupas que, já bastante machucado pelo tempo e com as portas desalinhadas, dava a nítida impressão de que iria cair a qualquer momento. Na sala, um sofá servia de cama para Glória e seu irmão João, que já tinha dez anos. João ocupava a maior parte do sofá por ser maior do que Glória. Ela rezava todas as noites para que João não viesse a engordar, embora entendesse que, com as dificuldades por que sua família passava, dificilmente isso aconteceria por excessos na alimentação.

Um dia Glória escutou seu irmão João reclamar que estava com fome. Ele queria comer a última fruta que tinha em casa: uma banana prata, já com a casca escurecendo, que nem parecia tão apetitosa.

– Tá bom, João, pode comer! Mas não se esqueça de dividir com a sua irmã, ela também gosta muito de banana – disse a mãe desanimada, por saber que não eram só as bananas que estavam por acabar.

– Você quer? – perguntou João à irmã, torcendo por uma resposta negativa.

– Não, não quero não! Pode comer você – respondeu Glória, certa de que essa era a resposta que o irmão queria ouvir. – Quando você acabar vamos jogar bola no quintal?

– Vamos – respondeu João, já de boca cheia.

Se a casa era pequena, imagina o quintal? Mal dava para eles brincarem. E o cuidado para a bola não cair na casa do vizinho nunca fora suficiente para evitar que pulassem o muro e, claro! Aconteceu novamente.

Por ser menino e maior do que Glória, essa missão sempre ficava por conta de João, mas Glória ven-

do que seu irmão ainda estava ocupado com parte da banana resolveu, ela mesma, pular o muro para apanhar a bola. Ajeitando a cadeira velha que seu irmão usava pra isso, olhou sobre o muro e de repente observou que o quintal do vizinho era, significativamente, maior do que o seu. Havia árvores frutíferas de várias espécies: mangueiras, bananeiras, jabuticabeiras, limoeiros e laranjeiras, além de pés de frutas que nunca havia comido, tais como: caqui, amora, mamão, uva. O pomar do vizinho continha tantas frutas, que Glória percebeu não saber o nome de todas.

— Glória, desce daí! — reclamou sua mãe que espreitava da porta. — Deixe que João vá pegar a bola. Acabem com a brincadeira que já está na hora de tomar banho para irem para a escola.

— Tá bom, mãe! — respondeu Glória, já correndo para o banheiro para ser a primeira a tomar banho, pois quando João era o primeiro, eles sempre chegavam atrasados ao colégio.

Glória foi para o colégio, impressionada com a fartura vista no quintal do vizinho. Pouco prestou atenção à aula. Ficou pensando por que o vizinho tinha tanto e sua família pouco tinha. Pensou em



plantar uma mangueira em seu quintal, mas seus pais certamente não a deixariam fazer isso por causa do pequeno espaço que tinham. E quando a árvore crescesse, onde iria brincar com seu irmão? E as raízes? Não iriam abalar a estrutura de sua casa?

— Não, nem pensar! Papai e mamãe já têm tantos problemas, imagina se nossa casa cair! — E Glória falou pra si mesma que iria tirar a ideia da cabeça o mais rápido possível.

Logo que chegou a sua casa, a menina tomou um banho e jogou-se no sofá para descansar. Estava cansada de tanto pensar naquelas frutas que vira mais cedo. Só de lembrar, ficava com água na boca. Do jeito que estava, dormiu.

O Sol brilhava lá fora e a vontade de ir brincar no quintal era enorme, mas João não estava em casa! Sua mãe devia estar arrumando o quarto e seu pai havia saído para trabalhar. Glória estava sozinha! Ela tentou acender as luzes, e nada! Sim, ir para o quintal, realmente, parecia a melhor opção! Mas, logo que abriu a porta, tal foi a sua surpresa que Glória quase teve um troço! No seu quintal havia florescido uma árvore frondosa carregada de frutas e sem qualquer raiz que importunasse as estruturas de sua casa. Glória ficou boquiaberta quando percebeu que naquela única ár-

vore, havia várias frutas, como manga, mamão, melão, laranja, limão, bananas e até um cacho de uvas.

– Meu Deus! Mas como pode isso?! Será que isso é coisa da minha cabeça? Será que estou vendo coisas? Será possível que isso aconteça? – pensava Glória sem chegar a qualquer conclusão.

Maravilhada, talvez por causa da história da banana que seu irmão havia comido, ela logo pensou em pegar uma também. Essas estavam amarelinhas e dando água na boca. Logo, Glória pegou uma e a descascou rapidamente e, com a mesma pressa a levou à boca e deu-lhe uma mordida, seguida de outra mordida, e mais uma e... *Ccrushhh!* A banana tinha gosto de limão! Sobressaltada e quase caindo do sofá, Glória acordou assustada, gritando pela mãe.

– Mãe! Mãe! Cadê você?

– Estou na cozinha, minha filha! Vem cá.

Quando Glória entrou na cozinha, encontrou sua mãe sentada à mesa, com uma cesta de frutas a sua frente e comendo uma banana. Ela se desesperou.

– Mãe! Mãe, pelo amor de Deus, mãe! De onde vêm essas frutas, mãe! Não come essa banana, mãe! Por favor!

*É cada conto!*

- Mas por quê, minha filha? Ela está tão gostosa.
- O quê?! Ela não está com gosto de limão?
- Claro que não, minha filha! Você tá louca? Banana com gosto de limão? Que loucura!
- Mãe, de onde vêm essas frutas?
- Minha filha! Foi Dona Benta que me deu.
- E quem é Dona Benta, mãe?
- Ué! A nossa vizinha aqui do lado, onde você e seu irmão sempre deixam cair a bola.
- Ufa!



## *Aula de vida*

Por alguma razão que desconheço, naquele dia acordei eufórico. Entre um afazer e outro, preparei-me para uma aula na parte da tarde. Claro! A turma que me aguardava era bastante barulhenta, diversa em gênero, cor e religião. A sala de aula, um caldeirão efervescente. Eu não tinha qualquer razão para estar alegre! Ainda que meus pais tivessem algum orgulho do filho ser professor, a relação conflituosa que existia em minha casa, entre meu salário e as contas a pagar, deixava pouco espaço para a alegria. Então, por que tanta felicidade?

Ainda que fosse à tarde, ao sair de casa, vi que o trânsito estava um caos e nessas horas fica claro que apesar de toda a evolução tecnológica, o rádio ainda é o grande companheiro do motorista. De olho na movimentação e ouvidos abertos às últimas notícias, ouço que uma grande operação militar contra o tráfico de drogas acontece na região metropolitana do Rio

## *É cada conto!*

de Janeiro. Tenho a percepção de que é coisa antiga, mas não! Elas, as operações contra o tráfico no Rio de Janeiro, são diárias e frequentes. Podem acontecer a qualquer hora. Uma, duas, várias vezes, no mesmo dia.

Com o trânsito caótico elevando a tensão e as notícias aumentando minha pressão arterial, começo a pensar que seria uma boa ideia voltar pra casa, mas a responsabilidade fala mais alto. Trinta alunos na escola podem significar menos trinta soldados no tráfico de drogas, menos assaltos, menos mortes, choros, condolências, processos e cadeias. Talvez seja utópico pensar assim, mas isso está no DNA dos professores. Qual deles não pensa no futuro de seus alunos? Sim, nós preparamos nossos alunos para a vida, passando conhecimento e conselhos. É incrível como as pessoas costumam guardar lembranças dos professores, em especial, de seus primeiros anos na escola.

Pelo momento de distração, alguém buzina com vontade à minha traseira e percebo com rapidez que o tráfego começou a fluir normalmente.

Já perto do meu local de trabalho, vejo uma intensa movimentação em torno do colégio. Embora

seja normal termos uma viatura da polícia militar pelas redondezas, o que vejo é espantoso! São cinco veículos estacionados em frente ao prédio, com as luzes piscando e rádios ligados aos ouvidos de policiais que parecem buscar orientação para o cumprimento do dever. Que loucura!

O cerco ao local impõe que eu estacione o carro bem distante do colégio, e corro o suficiente para chegar exausto ao primeiro guarda que vejo. Sem qualquer sinal de respeito com a autoridade presente, apoio minha mão no ombro do policial. Esbaforido, puxo o ar com força e me apresento:

— Boa tarde, policial! O que está acontecendo? Sou professor deste colégio e preciso me apresentar para dar aula!

— Professor, o senhor não pode passar! O colégio está interditado. Dois alunos armados fizeram algumas pessoas de reféns quando foram pegos comercializando drogas.

— O quê? Nossa Senhora! Já identificaram quem são os alunos?

— Não, senhor, ainda não temos os nomes dos infratores.

– Ok, obrigado!

Minha cabeça é um turbilhão de imagens e nomes de alunos. Quem poderia estar envolvido com isso? Quem seriam os alunos que tomaram essa decisão louca de fazer pessoas do colégio como reféns? Certamente todos se conhecem! Sim, com certeza, viver no Rio de Janeiro atualmente é uma loucura!

Fico imaginando uma forma de furar o cerco para ajudar de alguma forma, afinal de contas, os jovens infratores podem ser meus alunos. Logo percebo que tenho poucas chances de sucesso de entrar no colégio, mas neste exato momento, ouço alguém gritar meu nome.

– **Professor Robson! Professor Robson!** Por favor, alguém viu se o professor Robson está por aí? Os meninos querem a presença dele!

Era a diretora do colégio saindo do pátio, doida atrás de mim. Mas por que eu? Por que esses rapazes pediam minha presença? Sim, provavelmente, eram alunos meus. Mas quando estamos diante de um fato dessa natureza é difícil de entender o que fazer, principalmente em se tratando de um cidadão comum

como eu, e não um especialista ou um negociador de conflitos, já habituado a essas coisas. Procuvo raciocinar rápido e percebo que não tenho escolha, tenho que me apresentar e enfrentar a situação. Então, caminho nervosamente em direção à voz desesperada que chama por mim. Ainda que pessoas ao seu redor já tenham me apontado, e ela me visto, seus gritos aumentaram como se fosse eu o salvador da pátria.

— **Professor Robson! Professor Robson!** Pelo amor de Deus, os garotos pediram sua presença, querem que o senhor vá lá conversar com eles, caso contrário eles ameaçam matar os reféns. Por favor, vá correndo. Eles estão nervosos e apavorados com todo esse aparato policial aqui fora. Deram 10 minutos para que encontrássemos o senhor. Estão no terceiro andar, na sala 306.

Rapidamente, caminhamos até o portão de entrada onde estava o coordenador da operação policial.

— Comandante, eu sou o professor Robson e preciso entrar, eles pediram para falar comigo e estou disposto a ajudar no que for preciso! — disse eu ao senhor fardado que dava ordens aos policiais presentes. Sim, foi por isso que eu o chamei de comandante.

## *É cada conto!*

– Qual o seu nome? – perguntou o homem baixo e carrancudo.

– Robson, professor Robson.

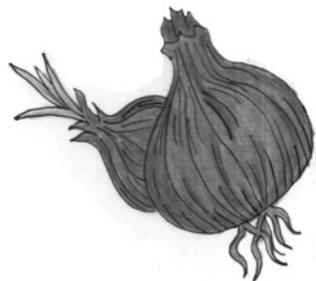
– Professor, não podemos deixar ninguém entrar, temos que seguir o protocolo e aumentar o número de reféns não faz parte de nosso planejamento – disse o homem sem dar muita atenção às pessoas que o rodeavam.

– Comandante, eu sou a diretora do colégio e os meninos solicitaram a presença do professor Robson. São jovens despreparados, desesperados e armados. Pelo amor de Deus, deixe o professor Robson negociar com eles. O professor é muito querido por todos, isso pode facilitar as coisas. Pelo amor de Deus, se pudermos evitar mortes, obviamente, será melhor para todos!

– Senhora...? – retrucou o comandante.

– Fátima, Maria de Fátima.

– Dona Maria, não posso simplesmente deixar o professor se colocar em risco e... Peguem ele, não deixem ele entrar!



Já era tarde, eu já estava na recepção do colégio. Hum! Gostar de filmes de ação às vezes nos ajuda a tomar decisões mais rapidamente. Como nos filmes, os policiais não iriam atirar em quem está querendo ajudar. Entrar correndo no colégio foi um risco, mas bem calculado.

Subi as escadas correndo e gritando: — Estou subindo! Sou o professor Robson, estou subindo! — A essa altura eu já não sabia se o que eu estava fazendo era certo ou errado. Eles podiam, simplesmente, não acreditar que era eu que subia as escadas e atirar em minha direção. E se desconfiassem que a polícia entrava comigo? Bem, agora não dava para voltar, e eu já estava entrando no rol do segundo andar quando alguém gritou.

— Para. Para aí ou vai ficar paraplégico.

É! Foi o que eu imaginei também. Se eu não parasse o sujeito iria me dar um tiro pelas costas e, na melhor das hipóteses, eu poderia sobreviver, mas com grande possibilidade de ficar em uma cadeira de rodas.

— Sim, sim, sim. Parei, parei. Calma, não atire!  
— falei desesperado.

Quando me virei, qual não foi a minha surpre-

sa! Jardel, meu aluno, meu aluno predileto, apontava uma arma pra mim. Caramba! Quantas vezes conversamos sobre família, futebol e tantas outras coisas? Pensei: “Meu Deus, que isso?” Acho que minha surpresa foi tanta que o menino também ficou sem saber o que dizer. Foram apenas alguns segundos, mas pareceram horas. Falei primeiro.

– Que isso, Jardel, o que vocês estão fazendo?

– Professor, o senhor pode não acreditar, mas o Cebola, o traficante lá da comunidade onde moro, obrigou eu e o Ramon a trazer droga pra vender na escola. Deu uma arma para cada um e disse que, se ficasse ruim, a gente se defendesse com elas. Ele disse que, logo que saíssemos do colégio fôssemos levar o dinheiro para ele, senão ele iria nos matar. Fomos para o banheiro e oferecemos para alguns alunos que sabíamos que gostavam do bagulho, mas alguém nos cagoetou, então, estamos nessa situação. O senhor está tremendo professor, está com medo de mim?

– Porra, Jardel! Você está apontando uma arma pra mim, claro que estou com medo!

– Eu também professor, eu estou cheio de medo! Eu não sei o que fazer. O Ramon ficou lá em

cima com os outros alunos, ele tem mais coragem do que eu, mas também está com medo de morrer. Lá fora, a polícia está doida para atirar na gente, e se conseguirmos escapar da polícia, o Cebola pega a gente em casa. O que a gente faz, professor?

– Primeiro, vamos subir e falar com o Ramon. Vamos libertar os reféns para podermos ficar mais à vontade, ok?

– Não sei se o Ramon vai concordar, mas, por mim, está bem. Agora que o senhor chegou estou mais tranquilo.

Subimos até o terceiro andar e encontramos o tal Ramon, apontando a arma para os outros alunos sentados no chão. Cena de filme mexicano. Ramon deveria ter uns dezessete anos, alto, magro, com o cabelo amarelado, a pinta não era boa, mas no aperto, todo moleque valente deixa transparecer o medo.

– Ramon, este é o professor Robson, ele é meu amigo e ele quer conversar contigo. Deixa que eu tomo conta desse pessoal. Fala com ele.

– Porra, Jardel! Você está de brincadeira! Nós estamos na maior merda e você insiste com esse pro-

## É cada conto!

fessor? Vamos ligar pro Cebola e contar pra ele o que aconteceu, ele vai vir aqui com a galera e resgatar a gente.

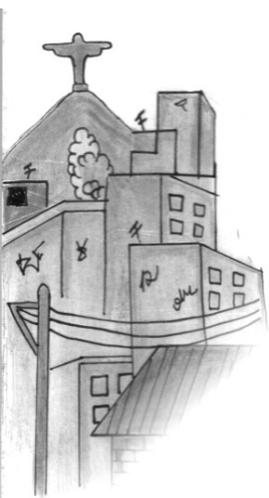
– Não, Ramon! Conversa com o professor, antes conversa com o professor.

Muito contrariado, Ramon se dirigiu para o fundo da sala e com um aceno com a arma, mandou que eu o seguisse.

– Bem, professor, o que o senhor pode fazer por nós? Sei que nós não *tem* saída, se a polícia não matar a gente, o Cebola esculacha a gente, então, o que a gente precisa é de um carro de fuga.

– Ramon, isso é a vida real. Não vai ter carro de fuga, se vocês tentarem fugir daqui vocês vão morrer, com risco de ter outras mortes também.

– Eu sei professor, mas eu prefiro morrer aqui a voltar para o morro, se o Cebola pegar a gente, ele vai nos torturar. O senhor sabe por que o nome dele é Cebola? É, professor! O cara é o capeta! Quando o Cebola pega alguém, esse alguém vai chorar muito antes de morrer.



– Ramon, onde é que está esse tal de Cebola?

– Ele tá lá no morro professor. Ontem teve uma batida da polícia lá e ele caiu de um telhado. A porra da telha de amianto quebrou e ele meteu os cornos no chão, está todo ferrado e com um baita ódio no coração, doido pra pegar um.

– Fica calmo, Ramon! Vamos fazer o seguinte, eu vou descer pra falar com o comandante da polícia que está lá embaixo, ok? Vamos tentar evitar que eles invadam isso aqui e matem vocês. Confia em mim, Ramon, eu vou tirar vocês com vida daqui, mas, por favor, não façam besteira! Mantenham o pessoal são e salvo. Se a polícia ouvir um tiro aqui, eles vão entrar com tudo, entendeu?



– Tá bom, professor, mas se alguém tentar invadir isso aqui, eu não vou morrer sozinho, vou levar alguém comigo!

– Não, Ramon, ninguém aqui vai morrer hoje, ok? Deixa eu correr lá embaixo.

A caminho da porta, pude perceber que todos ali tinham a esperança de que eu pudesse salvá-los. Sin-

ceramente? Até aquele momento eu não tinha tanta certeza, mas uma ideia me veio à cabeça enquanto eu descia as escadas.

Não demorei mais do que vinte minutos, e quando voltei à sala onde estavam os meninos e os reféns, todos arregalaram os olhos como se fosse por eles que iriam ouvir a minha voz. Chamei Ramon e disse a ele que havia negociado com a polícia a libertação dos reféns em troca de um carro de fuga, que eu mesmo iria dirigir. Ele foi até o ouvido de Jardel e passou a ideia e, claro, Jardel concordou sem grande hesitação.

Fiquei sob os cuidados de Ramon enquanto Jardel despachava os reféns. Logo, estávamos só os três e, obviamente, eles me pressionaram para saber quando o carro estaria a nossa disposição. Foi quando eu quase morri.

– Pessoal, vamos ter que esperar um pouco. Peguei meu celular no meu carro para eles entrarem em contato logo que esteja tudo liberado lá embaixo.

– Porra, professor, tu tá de sacanagem com a gente? – gritou Ramon, partindo pra cima de mim com um ódio mortal. – Porra, nós estamos cheios de fome, sede e uma porrada de gente querendo matar

a gente, e vamos ficar esperando o quê? Por que o senhor não pegou logo a porra do seu carro? Tá de sacanagem? Está achando que nós *é* burro? Porra! Foi no carro pegar a porra do celular, mas não pegou o carro? Tu *tá* merecendo é um tiro nos cornos! — Nesse momento senti o cano gelado em minha têmpera.

— Não, Ramon! Tá maluco? Agora o professor é a nossa única garantia, se matar ele nós *tamos fudidos!* — Jardel estava apavorado. — Ele é nosso escudo, vamos esperar mais cinco minutos, se essa merda de celular não tocar, então vamos tomar uma decisão.

— Vai-te à merda, Jardel! Minha decisão já está tomada. Se essa porra não tocar em cinco minutos, vou descer com o professor, mato ele na frente daquela gente lá embaixo e mando bala em todo mundo! Morro, mas levo meia dúzia comigo!

É difícil abrir a boca quando se tem uma arma na cabeça, mas eu tinha que tomar as rédeas da situação, antes que aquela arma disparasse acidentalmente.

— Ramon, me escuta. Eles vão ligar, mas por segurança, vamos sair daqui. Eles sabem que estamos na sala 306. Vamos para a sala dos professores, na 310. Lá tem comida e bebida, e podemos ver o que está

acontecendo lá fora pela televisão, pois certamente, tem algum canal fazendo a cobertura disso aqui. Pode ser?

— Porra, professor, se tu *tiver* armando, eu vou estourar essa tua cabeça! Mas vamos lá pra comer alguma coisa e pegar algo pra levar na fuga. — Ramon tinha certeza de que iria sair com vida da encrenca em que havia se metido, e talvez ele tivesse razão.

Fizemos a mudança de sala sem muito transtorno. Logo que entramos na sala, Ramon atacou uns biscoitos velhos que estavam sobre a mesa. Apontando a arma pra mim, Jardel foi até a televisão. Por sorte, estava passando o noticiário local.

A cobertura era sobre a morte do traficante Cebola que, em operação realizada pela polícia militar com a ajuda das Forças Especiais e do BOPE, foi morto quando tentava fugir pela porta dos fundos de seu casebre. Sua quadrilha foi dizimada, todos foram mortos, não houve feridos nem sobreviventes. Timidamente, a população da comunidade demonstrava ter gostado da ação policial, pois finalmente, estavam livres daquele grupo intimidador e sanguinário. Jardel esqueceu a situação em que se encontrava e deu

um salto de alegria. Ramon ficou paralisado, olhando para a televisão como se não estivesse acreditando naquilo. Por um momento, esqueceram que eu estava ali. E eu? Aproveitei para chamar a atenção deles para a nova realidade que se apresentava.

— É, pessoal, acho que parte dos seus problemas agora está resolvida. Então, o que acham de acabarmos com essa confusão aqui? — Foi nesse momento que meu telefone tocou.

— Do que o senhor está falando professor? — vociferou Ramon. — Não mudou nada, estamos na mesma situação que antes. Os caras lá fora estão doídos para matar a gente!

— Não! Não estão não, Ramon! Quando você me disse onde o Cebola estava, eu tive a ideia de descer e negociar com a polícia a liberdade de vocês em troca dessa informação. Parece que você não mentiu e a operação foi um sucesso. Vocês estão livres do Cebola e de seus capangas. Por outro lado, precisamos resolver nossa situação aqui.

— Porra, professor! Lá vem o senhor outra vez com essa sua conversinha. — Embora reclamando,

Ramon parecia estar mais tranquilo.

— Caramba, Ramon! O professor tem razão, vamos nos entregar e acabar logo com isso. O Cebola está morto, estamos livres dele, mas se não negociarmos nossa saída daqui, esses caras vão matar a gente!

— Jardel viu a luz no fim do túnel.

— Está bom, professor! Atende logo esse telefone e diz que nós vamos nos entregar. — Ramon parecia estar enxergando a coisa com mais clareza.

Por fim, os meninos se entregaram. Foram fichados e, tendo em vista que a informação prestada por Ramon possibilitou a polícia livrar a cidade do Rio de Janeiro de um de seus maiores traficantes de drogas, eles ganharam uma liberdade condicional. Teriam que se manter na escola para que, dessa forma, seus professores pudessem acompanhar o retorno às aulas, com um estreito acompanhamento do comportamento de ambos. Certamente, não seria fácil, mas educar é mesmo complexo.

Já era noite quando saímos da delegacia. Olhei para Jardel e Ramon e fiquei pensando no dia que passamos juntos. Voltei a sentir aquela felicidade,

mas agora ela era maior, mais forte, mais real. Antes, parecia um aviso, mas agora eu a sentia por completo. Então, agradei a Deus pela oportunidade de ter salvo aquelas vidas, de ter corrido tudo bem.

Foi quando percebi que Jardel caminhava ao lado de Ramon, em direção ao morro onde moravam. Jardel, embora arrependido, estava com um brilho nos olhos. Vivo, alegre. Era um bom menino e, certamente, voltaria para casa, pediria desculpas aos seus pais e faria de tudo para reverter a besteira que havia cometido. Mesmo com tudo que teria que enfrentar, estava radiante por voltar para casa, para sua família, para sua comunidade. Livre do medo, do terror. Livre do Cebola.

Ramon caminhava com as mãos nos bolsos, cabeça baixa. Pensava em sua comunidade, livre, sem dono e sem comando.

Os dois viam oportunidades, cada um conforme seu caráter.

## *Bem-te-vi*

Sentia-se o próprio criador. O poder estava em suas mãos e ele comandava quem teria frescor ou não.

Eram 7 horas da manhã e o sol já brilhava com toda a sua força, queimando a pele de todos que, embora calados, pareciam gritar por ajuda, mesmo que muitos ainda se mantivessem eretos e altaneiros, bem-vestidos e coloridos. A rendição era completa. Sim, precisavam da água que jorrava sobre seus corpos e que, por um bom tempo, também era jogada sobre seus pés.

Seu Sebastião, há muito tempo trabalhando como jardineiro, gostava do que fazia e o fazia com um sentimento de grande satisfação. Adorava regar suas plantas e flores e tinha enorme admiração pelas florestas. Quando olhava para aquelas árvores enormes ao longe, ficava pensando qual seria a idade das mais altas e robustas. Quando olhava para o seu jardim, ficava imaginando o que fazer para prolongar ao

máximo a existência e beleza de suas roseiras, dalias, margaridas, papoulas e petúnias, já que a descoberta de uma enorme trilha na grama demonstrava que, mais uma vez, elas atacaram à noite. Sim, provavelmente, o manacá ou o hibisco tiveram seus cabelos mais uma vez cortados e devem estar com uma cara horrível, mas as formigas não estão nem aí. As cortadeiras são implacáveis, com seus exércitos de saúvas e quenquéns, e estão mais preocupadas em abastecer seus reinos com alimentos para toda a corte.

Ao descobrir uma das avenidas abertas pelas operárias, o jardineiro logo pensou em destruir a obra e parar com o intenso tráfego que observava. Sim, era irritante ver aquele rastro de pedaços de folhas se movimentando! Pareceu-lhe que as ladras estavam escondendo seus rostos por debaixo daqueles fragmentos de manacá ou pedaços de hibisco. Mas o grito de um sabiá no pé de caqui evitou uma destruição em massa.

O homem, que já estava irritado pelo ataque ao seu jardim, agora via o pé de seu fruto predileto ser atacado por um pássaro faminto e escandaloso. Não, isso não! Isso ele não iria admitir.



A distância entre o jardim e o pé de caqui exigia que Sebastião se levantasse e fosse até lá, pois apenas um grito ou bater de palmas não iria enxotar o pássaro faminto. Bem, já que teria que ir lá mesmo, por que não levar um saco ou um recipiente, permitindo-lhe colher alguns frutos antes que fosse tarde demais? E assim o fez. Apanhou um vaso de plantas vazio que estava à disposição e rumou em direção à árvore carregada de frutos. Qual não foi sua surpresa quando viu que não só um sabiá se deliciava com seus caquis, mas também um lindo tucano bem acompanhado já estava presente ao banquete, parecendo inclusive estar usando um guardanapo branco enrolado ao pescoço, talvez para não deixar escorrer o sumo da fruta pelo corpo. Algumas lavadeiras bicavam um fruto, enquanto um jacu espalhafatoso quase caía do galho, contrastando com o sagui que, embora parecesse assustado, mastigava seu quinhão equilibrado e atento a tudo o que acontecia ao redor.

Entre a flora e a fauna, mas sem saber com certeza o que era uma e o que era a outra, Sebastião se sentiu tentado a achar que a primeira, a mais silenciosa, seria a mais confiável. Pensou em seu jardim, onde parecia que as flores eram o sorriso de Gaia. Onde ele era o benfeitor que, com sua mangueira de plástico, conseguia prolongar a vida e o humor de plantas e flores que amanheciam com a cara fechada, implorando por um gole como os mais problemáticos membros dos alcoólicos anônimos.

Agora, caminhando em direção àquela árvore completamente ocupada, mais parecendo a avenida paulista em manifestação política pelo *impeachment* do presidente do país, Sebastião se viu menor do que o criador, viu-se do seu tamanho. Não muito maior que um pássaro, não muito maior que a formiga, apenas mais um ser a habitar este mundo tão desigual.

Ao se aproximar do pé de caqui, todos pararam de comer, todos pararam de cantar, só observaram! Olharam atentamente o homem colher os frutos, observaram com bastante atenção o homem colher mui-



to mais do que poderia comer antes que as frutas colhidas pudessem se estragar. Sentiram-se violados, ultrajados. A lei da natureza é clareada pelo Sol, e nela não há sombras, não há desperdícios. Então, por que ele enchia aquele vaso com tantos frutos, muito mais do que aguentaria comer?

Então, sabendo que estava sendo observado por dezenas de pares de olhos, mas sem perceber estar diante de um júri inusitado, o homem que um dia se achou poderoso, viu-se condenado. Após ter enchido o vaso com os frutos colhidos e o colocado sobre o ombro, pareceu esconder seu rosto, tal qual a formiga que, havia pouco tempo, ele próprio esteve prestes a matar. Foi nesse momento que ele ouviu o cantar de um pássaro e sentiu-se envergonhado e bem menor.

— Bem-te-vi! Bem-te-vi!

## *A sina do construtor*

Apesar de nunca ter estudado engenharia ou arquitetura, ele tinha um enorme talento para trabalhar na construção civil e, por mais que nada se entenda do assunto, é difícil encontrar alguém que não admire seus trabalhos.

Sendo inteligente e trabalhador, ele sempre acordou cedo para a lida e nunca se ouviu dele qualquer reclamação, pois se tinha uma obra para ser feita, de construção ou reforma, seu foco era total. Mas também era certo que ao cantar da ave-maria, ele não estaria em outro lugar senão recolhido em casa, com o objetivo de descansar e recuperar forças para o dia seguinte, quando, juntamente com a esposa, fariam planos para o futuro. Sim, depois de mais de um ano de trabalho árduo e cansativo para a construção do próprio imóvel, era chegada a hora de eles pensarem em formar uma família.

## *É cada conto!*

Depois de tudo conversado e planejado, a felicidade era tanta que, frequentemente, ouviam-se os dois cantarolando em alto e bom som. Claro! Eles tinham problemas como qualquer casal que mora nos arredores de uma grande cidade.

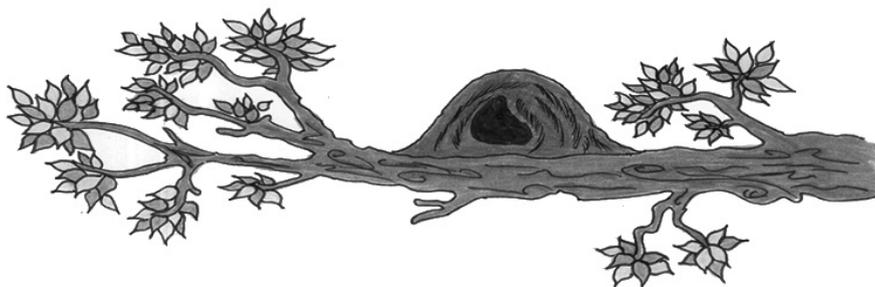
A verdade é que as coisas não andavam bem pra ninguém! Depois de seguidos déficits nas contas do governo federal, o desemprego aumentara de uma forma tão rápida, que todos os setores da economia começaram a dispensar seus “colaboradores”. A situação não era muito diferente na esfera dos governos estadual e municipal. Após anos de má gestão e falcatruas, a cidade onde moravam vivia um caos. Obras inacabadas transformaram-se em alojamento de pobres e miseráveis; praças públicas foram tomadas por pedintes que fizeram desses espaços suas moradias; tiroteios em vias de grande acesso e volumoso tráfego de veículos e pessoas passaram a ser algo frequente. Violência instalada no viver, no trato, no contato, no desabafo!



Passado algum tempo veio a grande notícia: eram trigêmeos! Vida nova? Sim, completamente nova. A família aumentou

consideravelmente. Nem em seus maiores devaneios, o chefe da família imaginou que isso pudesse acontecer. Se fosse de beber outra coisa que não água, certamente agora teria motivo para tomar um porre! Como criar os três filhotes diante de tanta violência? As dúvidas começaram a pairar sobre sua cabeça, mas um pensamento veio em seu socorro: depois de ter construído tantas outras casas, hoje ocupadas por uma enorme variedade de inquilinos, ele tinha certeza de que seu trabalho era de fato reconhecido e querido, então, por que não parar de pensar besteira e continuar a trabalhar para dar tudo aos seus? Certamente, ele sabia que podia contar com sua companheira para dar o que comer aos seus filhos. Por mais de uma centena de vezes, ela já havia lhe mostrado que também era trabalhadora e corajosa. Não seria agora, no papel de mãe, que ela o decepcionaria.

Os primeiros dias dos recém-nascidos parecem ser os momentos de maior aflição na vida dos pais. (Hum! Eles não sabem de nada!) A inexperiência, o nervosismo e a ansiedade são características comuns em todos aqueles que formam famílias ainda jovens. O melhor, mas nem sempre possível, é que os avós estejam por perto para dar aquele socorro. Quando



os pais trabalham fora, fazer uso dos serviços de uma creche parece ser uma ótima alternativa, mas nem sempre isso é possível. Imagina o custo para se colocar três filhos num lugar desses? Além do mais, se pai e mãe não foram criados assim, é de se esperar que eles não gostem da ideia de ter seus rebentos sob os cuidados de desconhecidos.

Na falta de coisa melhor e de comum acordo, o casal decidiu que eles iriam cuidar de seus filhos, procurando conciliar seus horários de trabalho, para que sempre tivesse um ou outro em casa, evitando assim, prejudicar a alimentação e a educação dos filhotes.

Mas eis que naquela correria do dia a dia, naquele entre e sai, um imaginando que o outro ainda estivesse em casa, saíram os dois deixando as crianças sozinhas no lar. A mãe foi dar um voo rápido na praça, para ver se trazia algo para o almoço. O pai talvez estivesse fazendo os seus quebra-galhos de sempre, para reforçar o patrimônio da família. E talvez por

isso, o pior aconteceu!

É verdade que eles tinham conhecimento da violência local, como também é verdade que eles sabiam que muitas outras residências próximas à sua já haviam sido invadidas, mas nunca poderiam imaginar uma cena daquelas!

Chegando quase ao mesmo tempo, puderam ver que a casa não fora simplesmente invadida, ela estava completamente destruída. Um pavor tomou conta dos dois e um ódio incontrolável subiu à cabeça. Eles partiram para cima do transgressor que ainda estava no local. Embora muito maior e mais forte, ele não conseguiu se desvencilhar dos ataques. Surpreso e ferido pela fúria do casal, um gavião lento e barrigudo, deixou de ser o predador para salvar a própria vida.

Exaustos, João-de-barro e sua companheira pou-saram próximos aos escombros para constatar o que já imaginavam! Uma pena!...Duas penas, três penas... foi o que restou! Foram-se seus filhotes e seu lar! Todos mortos, tudo acabado!

Mas João, que é de luta e de trabalho, não gosta de pensar besteira e quer mesmo é trabalhar, já pensa em se mudar para outro lugar, construir uma nova casa e ter outros filhos pra criar.

## *Predador*

Ele é uma águia. Imponente e majestoso transmite a sensação de força, coragem e independência. Com sua visão privilegiada, consegue enxergar longe e avaliar boas oportunidades de investida. Além da admiração pelo seu desempenho profissional, muitos observam sua dedicação à família, ressaltando que ele jamais se envolveu com outra senão a dona de seu coração e mãe de seus filhos.

A harpia, a maior ave de rapina do mundo, é brasileira e monogâmica. Vive principalmente na floresta amazônica, onde se alimenta de outras aves, macacos e preguiças que, hoje, não querem descansar! Muitos voam, outros correm, e todos fogem dos tratores e correntes que arrebentam suas casas e seu futuro. São os grileiros. É o fogo, é o homem, é o fim!

Sobre a mais alta árvore da Amazônia e uma das maiores do mundo, a samaúma, que pode chegar

a sessenta metros de altura e ter um tronco com três metros de diâmetro, a águia observa a destruição de seu *habitat*. Imaginava-se um predador, no topo da pirâmide, mas agora percebe que não! Alguns animais que lembravam os macacos que havia caçado durante toda a sua existência, pareciam mais perigosos e vorazes do que ele já havia sido em vida. Mesmo depois de adulto, nunca teve tanta força e capacidade de caça como aqueles que agora o forçavam a voar para longe. Se o vento parou e o galho balançou, é sinal de que chegara a vez de sua árvore cair.

Com um pequeno impulso e a força de suas poderosas asas, logo alcança a altura que lhe parece ser mais segura e confortável para planar. Em alguns trechos, sente o ar mais quente e em outros, mais ameno, mas o cheiro de fumaça está em todo lugar. Ao sobrevoar a região pôde perceber que a caça do dia foi facilitada. A derrubada de árvores e as frequentes queimadas deixaram a descoberto várias espécies que fazem parte do seu cardápio. Contudo, a fome não deixa passar despercebido o desespero de outras espécies. É uma onça pintada que parte em disparada no sentido contrário ao fogo. É um puma que corre para fugir do calor. Um tamanduá acompanha a fuga

de cauda queimada e mais uma preguiça jaz, sem força e velocidade para se salvar. Há sapos e lagartos torrados por toda parte, roedores velozes e assustados com tamanho barulho, insetos em nuvens dispersas em busca de uma direção. A devastação é enorme!

Por isso mesmo seu João-de-barba-grisalha, que já perdeu mais de oitenta por cento de seu *habitat*, está se sentindo cansado e velho para continuar vivendo neste território e, após escutar o chororó-do-rio-branco reclamando da violência no campo, concluiu que tem que sair desse lugar.



E, lá em cima, bem perto das nuvens, por um momento, a harpia lembra que tem que levar comida pra casa e dá o bote. Um pequeno camaleão será o almoço de hoje. Esse não conseguiu se camuflar a tempo e com a perfeição que lhe era peculiar. A floresta queimada já não permite o disfarce, estão todos expostos.<sup>1</sup>

---

1 “Os únicos ‘vencedores’ em uma floresta incendiada seriam, provavelmente, as aves de rapina e outros predadores, já que a floresta aberta tornaria a caça mais fácil.” - Mazeika Sullivan, professor adjunto do Departamento de Meio Ambiente e Recursos Naturais da Universidade Estadual de Ohio, que já conduziu pesquisas em campo na Amazônia colombiana.

De volta ao ninho, a águia entrega a refeição e parte mais uma vez. São dois filhotes. É comum que só o primogênito sobreviva, mas até que isso aconteça, dois bicos famintos aguardam a volta dos pais, que estão sempre caçando para o bem-estar dos filhotes. Com os dois trabalhando fora, o casal pouco se encontra e, quando partem, o fazem sem a certeza de que voltarão a se encontrar. A vida não está fácil pra ninguém, nem pra predador!

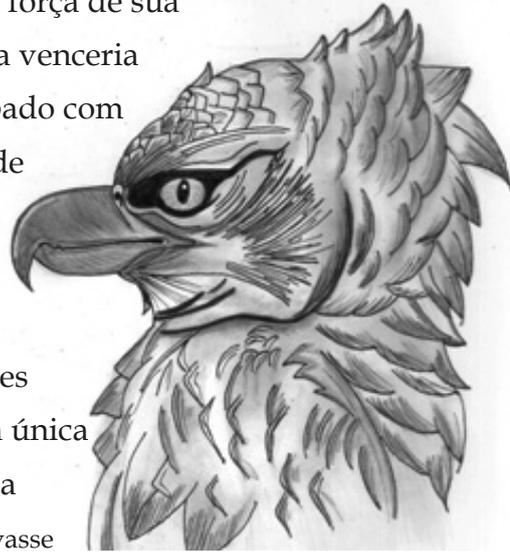
Ninguém sabe ao certo quando tudo começou, mas, cientificamente, fala-se que o megapredador surgiu e se desenvolveu entre 70.000 e 50.000 anos atrás. Ainda tímido no início, foi aprendendo a lidar com a pedra, com o fogo, ferro, aço, pólvora e... BUMMMM! Explodiu o crescimento da espécie que domina o mundo. E, se o Sapiens mata Sapiens, imagina por que o Neanderthal sumiu e o Erectus se curvou? Sim, Darwin, você tinha razão! Só não contou pra ninguém que o superpredador não iria respeitar a regra, caçando e matando apenas os mais velhos e mais fracos. Sim, ele não respeitou as leis da natureza, e passou a caçar e matar qualquer um que se atrevesse a enfrentá-lo, ou a impedir seu avanço rumo ao poder econômico e financeiro. Por qual outro motivo, a Floresta

Amazônica teria mais de nove mil focos de incêndio?

Embora seja o símbolo maior de brasões e bandeiras de estados e Nações, como uma águia enfrentaria o futuro Homo Deus que invade a floresta, derruba as árvores e queima o solo? Com que armas uma ave de rapina, forte e predadora, conseguiria vencer a tecnologia e o maquinário que arrasa milhares de hectares de terra boa, farta e fértil? De que forma entender a destruição de uma enorme reserva de oxigênio, necessária para a sobrevivência de todas as espécies? O que esperar de uma espécie gananciosa que faz viagens interplanetárias em busca de conquistar novos espaços para sua sobrevivência? Uma sobrevivência ameaçada pelas próprias ações.

Se houver vida em outros planetas, provavelmente, elas estão rezando para não serem descobertas pelos superpredadores do planeta Terra. Mesmo não sabendo que foram esses predadores que exterminaram o Dodô, das Ilhas Maurício, os mamíferos gigantes de Madagascar, ou os grandes Moas, da Nova Zelândia. Sim, foram os Sapiens que exterminaram também seus semelhantes Sapiens Astecas, Maias e Incas, entre tantos outros da mesma espécie.

Certamente, não seria com a força de sua garras e bicos que uma águia venceria um homem, armado e equipado com instrumentos de combate e de última geração; nem mesmo com toda a sua visão, velocidade e experiência de caça, a harpia teria grandes chances de sucesso. Talvez a única possibilidade de vitória, seria fazer com que o Sapiens observasse



seu *modus operandi*, sua graça, beleza, força e imponência, e aprendesse: até o predador caça somente o necessário para o seu sustento e de sua família; mesmo ele, não mata outro senão em defesa da sua sobrevivência e a dos seus e é dessa forma que mantém seu ninho querido e respeitado. Onde o brasão é a própria imagem.

## *O noivo*

Não era um dia como outro qualquer, era o dia do seu casamento e Flávio estava ansioso. Naturalmente, todos que estão prestes a se unir com outra pessoa passam por esse momento de estresse. Embora seu relacionamento com Kátia já passe um pouco de três anos de convívio, todo o planejamento e os preparativos necessários para que o dia seja inesquecível há muito não lhe tem permitido noites de sono tranquilo.

Tudo começou com a escolha do local para a realização da cerimônia e recepção dos convidados. Discutiu-se por mais de uma semana se o evento deveria acontecer em um salão de festas, em uma casa noturna ou em um sítio amplo, arejado e com uma enorme piscina. Dependendo da contratação do espaço, então, fariam a discussão do horário. É comum alguns enlances matrimoniais ocorrerem durante o dia, e os espaços abertos atendem bem e com satisfação aos

que optam por essa escolha. Mas é a mãe que imagina uma coisa, a sogra que pensa outra, as tias dão palpites, as vizinhas fazem fofoca, as avós contam suas experiências, e, por fim, sempre é a noiva quem decide. Nenhum noivo inteligente vai querer entrar em conflito com a futura esposa por pequenos detalhes, obviamente, desde que o preço dos serviços a serem contratados esteja dentro de suas possibilidades. Mas e quando o orçamento ultrapassa o que haviam imaginado? Claro! Cartão de crédito, financiamento bancário, empréstimo consignado, sempre se dá um jeito de atender aos desejos da noiva.

Jovens de classe média, Flávio com vinte e cinco anos, formado em economia pela Fundação Getúlio Vargas e funcionário de um grande banco de investimentos, juntamente com a noiva Kátia, que está perto de completar vinte e quatro anos, formada em Direito pela PUC-Rio e sócia de um escritório de advocacia de médio porte, têm a convicção de que o carro que levará a noiva para a igreja deverá ser impactante, pois todo convidado presta atenção nesse detalhe e, cada um deles, conhecendo bem seus colegas de trabalho, sabem que não podem deixar a desejar nesse quesito. Os noivos querem uma festa de gala e a chegada da

noiva é um dos pontos altos de qualquer casamento, então, a escolha do veículo é fundamental. E quando abrem a discussão é o pai que prefere os carros antigos e sugere um Chevrolet Fleetmaster 1947; o sogro que se acha um garotão e propõe um veículo mais moderno e esportivo, algo entre um Porsche Boxter S e um Chevrolet Camaro; os tios falam sobre os últimos modelos apresentados no Salão do Automóvel, em São Paulo e o cunhado, que acha que sabe tudo, argumenta que sua irmã ficaria bem em um Chrysler 300C preto. Por fim, o tamanho do vestido da noiva e o conforto dos pombinhos é que serão determinantes na escolha de qual veículo será contratado. Espaço, elegância e conforto são fundamentais nessa hora.

Embora os noivos sejam os protagonistas, figuras sempre presentes nesses eventos e de suma importância, os fotógrafos e cinegrafistas são contratados a peso de ouro, após várias consultas, pesquisas e recomendações. Serão heróis ou vilões, a depender do resultado de seus serviços. As imagens dos noivos têm que estar irretocáveis, as dos convidados, pode ser que ninguém repare. Foto de salão é bom não ter pernas cruzadas pra não gerar comentários; o vovô com um copo de whisky na mão fará dizerem que foi

uma irresponsabilidade levá-lo ao casamento, afinal de contas, ele toma vários remédios de uso contínuo, incompatíveis com a ingestão de bebida alcoólica; imagens de crianças roubando docinhos da mesa ou da tia que fez bariátrica empanturrando-se de salgadinhos, nem pensar! Assistentes atentos à maquiagem da noiva, não evitarão que o calor e a emoção misturem gotas de suor e lágrimas, mas devem impedir que essa enxurrada alcance o vestido; todo o cuidado com o véu da noiva é pouco! Não pode agarrar e ninguém pode pisar, sob o risco de rasgarem a cauda sagrada. Tensão total.

Festa de casamento não é obra de igreja, tem data e hora pra acabar. Em comum, somente o fato de que as duas dão bastante trabalho. E, por isso mesmo, o tempo sempre parece curto demais para se tratar de todos os detalhes. Nunca dá para se convidar todos que se quer presentes, alguns parentes, amigos e vizinhos ficam mesmo fora da lista, pois tem aquele que bebe e fala demais; colegas de trabalho invejosos; amigos de infância arrogantes; vizinhos malcomportados. O convite aos padrinhos e a definição da cor dos vestidos das madrinhas, só com muita oração. É estresse na certa e, como há padrinhos e madrinhas dos dois

lados, disse o noivo não tem como se esgueirar, terá que escolher os seus também.

– Mas finalmente chegou o dia! – reflete Flávio, depois de repassar todos esses momentos anteriores ao dia D e, só de pensar, já sente aquela aflição de noivo de primeira viagem.

– Mãe, vou rápido ao salão cortar o cabelo e já volto, ok? – grita o rapaz, olhando nervoso para o relógio como se já estivesse em cima da hora.

– Meu filho, não demora! Você ainda tem que passar no alfaiate, sempre se tem alguma coisa, um ajuste ou outro para se fazer, entendeu? – responde a mãe, atenciosa e nervosa com toda aquela correria.

E sai o noivo pela porta afora, sem ao menos responder sua mãe. Cinco minutos depois, volta ele desesperado.

– O que foi, meu filho, esqueceu alguma coisa?  
– pergunta a mãe, assustada com o retorno do filho.

– Só a chave do carro, mãe!

E os dois sorriem um para o outro: o filho tentando fazer graça para relaxar, a mãe com o coração

apertado pelo desespero do rapaz. Mas passam-se mais cinco minutos e ele está de volta.

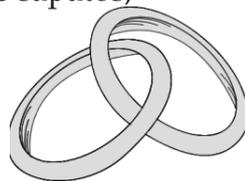
— O que foi agora, menino? — E a mulher já sorri aflita e preocupada com o vai e volta do filho.

— Putz! Esqueci minha carteira, pode?

— Calma, rapaz! Não vai sair correndo por aí e atropelar alguém, ouviu?

— Tá bom, mãe! Tá bom! Depois do salão vou passar na sapataria para comprar um par de sapatos, ok?

— Tá, mas vai devagar.



Flávio desliga seu celular para não ser incomodado, mas e se Kátia ligar? Então, ele volta a ligar o aparelho, que não para de tocar. No modo viva-voz, atende às chamadas, mesmo sabendo que, ainda assim, está colocando sua vida e a de outras pessoas em risco. São os amigos desejando felicidades; os primos pressionando; sua irmã com ciúmes e todos querendo um minuto de atenção. É um dia de astro.

O dia voa e agora, na porta da igreja, um elegante noivo aguarda sua futura esposa, revivendo todos

os esforços para se chegar a esse momento. Mentalmente, repassa cada detalhe, convencendo-se de que tudo irá correr bem. Embora com os nervos à flor da pele, ele entende que toda noiva demora. Faz parte do ritual criar essa expectativa.

Linda! Maravilhosa! Que elegância! Que brilho! Esses foram alguns dos comentários que se escutou do público presente. A chegada da noiva causou o impacto esperado. No altar, Flávio ouvia os gritos de admiração e, misturando-se com sua ansiedade, batia-lhe no peito aquele sentimento de alegria e satisfação, por saber que a futura mãe dos seus filhos deveria estar agora, estourando de felicidade.

A entrada da noiva foi triunfal e com poucas paradas para se ajeitar o véu, logo, o pai a entregou ao noivo que transpirava em bicas. Havia no ar uma ansiedade, uma emoção geral! Algumas senhoras enxugavam as lágrimas, enquanto outras, sem forças para ficar em pé, mantinham-se sentadas em seus lugares; senhores de terno já demonstravam certa inquietação pelo calor e pela demora; crianças irritadas e presas em seus lugares incomodavam os mais velhos, quando o padre pediu aos noivos que se ajoelhassem dian-

te de nosso Senhor Jesus Cristo.

Logo que se ajoelharam, Flávio e Kátia tiveram a impressão de ouvir alguém sorrindo. Quando o noivo assustado olhou para a noiva, outros já estavam rindo também. Os padrinhos e madrinhas ao lado dele, levavam a mão à boca para evitar um riso mais claro. Pouco tempo depois, todos na igreja riam sem se preocuparem com o barulho que faziam. De repente, um assistente vai até ao padre e lhe fala algo ao ouvido. O pontífice sem se incomodar, abre um leve sorriso também. Os noivos tremem de nervosismo. “Meu Deus!”, pensam eles. O que poderia estar acontecendo? O que teriam feito de errado?

Do alto de sua autoridade, o reverendo levanta e baixa suas mãos pedindo silêncio a todos. Abaixa-se até os noivos e fala com atenção e serenidade.

— Filho! Você se esqueceu de tirar o selo com o preço de seus sapatos... hahaha!





## *O menino e seu avô*

Chega perto do impossível não encontrarmos um menino que nunca tenha sonhado em ser jogador de futebol, em especial no Brasil, país pentacampeão mundial. Fato é que o primeiro presente de qualquer menino brasileiro, normalmente, é algo ligado à prática do esporte: a camisa do clube do pai, que sempre concorrerá em melhores condições do que aquela dada pelos tios ou padrinhos; um par de meias com o símbolo do clube ou um chapeuzinho para evidenciar a “escolha” futebolística do menor, também é frequente. Nos primeiros passos do moleque, certamente, alguém já irá rolar uma bola pra ele.

— Esse moleque vai ser bom, hein! — falará o padrinho, orgulhoso com o menino chutando a bola, simplesmente, em função do passo à frente que estava tentando dar.

— Olha a potência do chute! Tem pinta de arti-

lheiro, não tem não? — Irá exagerar o pai, imaginando o filho com a camisa do clube de seu coração, sem analisar com exatidão o risco de tombo do rebento.

Mas se o garoto pegar a bola com a mão, aí muda tudo!

— Epa! Acho que está mais pra ser goleiro, hein?  
— afirmará o cunhado irritante.

— Nada disso! Eu é que não quero ver meu filho sofrendo no gol de ninguém — rebate o pai, sem saber que o caminho dos filhos são eles que fazem.

Ainda que seja preferência nacional, nem todos os filhos serão jogadores de futebol, e mesmo, nem todos poderão participar de uma simples pelada. Há vários motivos que podem levar a isso e, alguns desses motivos são até difíceis de comentar.

Marquinho tinha apenas oito anos e era apaixonado por futebol. Encostado à grade do campo da praça, era comum vê-lo assistindo às peladas de domingo. Sempre acompanhado de seu avô, seu Armando, que também era um peladeiro fominha. No seu tempo, Armando não perdia uma oportunidade de estar com seu grupo e, ainda hoje, quando pode e as

dores deixam, reúne-se com seus veteranos para correr, ou melhor, participar de uma partida de futebol, em que a *resenha* após o jogo é o mais divertido.

– Quer um refrigerante, meu filho? – pergunta o avô carinhoso.

– Agora não, vô, depois a gente toma um, tá?  
– responde o neto apressado e atento à partida entre os finalistas do campeonato que está prestes a acabar.

– Ok, quando acabar a gente toma um refrigerante e come um pastel – sorri o velho, satisfeito com a alegria do neto.

Armando e sua esposa só tiveram um filho e por ele fizeram de tudo, sempre cobrando que esse fosse um homem trabalhador, justo, bom e honesto. Segundo eles, isso seria o suficiente para que tivessem orgulho do rebento. Marcelo seguiu à risca os conselhos e o exemplo que teve dentro de casa e procurava dar a Marquinho o mesmo carinho que recebera na infância. Embora, nesse momento, o menino estivesse tomando esse elixir direto de uma das fontes.

Acaba a partida e os torcedores enlouquecidos gritam para todo mundo ouvir:

– **É campeão! É campeão!**

Preocupado com a segurança do neto, Armando o pega no colo para, rapidamente, se afastar do tumulto, e o neto parece não gostar muito!

– Pode deixar, vô, eu vou andando! Não precisa me colocar no colo! – reclama o neto, meio incomodado, meio envergonhado de estar sendo carregado pelo avô.

– Tá bom, meu filho! Vou te colocar no chão, mas cuidado para não levar um empurrão! Isso aqui está muito cheio, vamos pra fora desse tumulto, tá?

– Tá bom, vô, pode deixar que vou andando.

E lá foi Marquinho mancando da perna esquerda, fruto de uma fraqueza muscular provocada pela paralisia infantil que o atingiu antes dos cinco anos de idade. A poliomielite, também conhecida por pólio, é uma doença que em suas versões mais graves provoca a paralisia muscular, atingindo, principalmente, os membros inferiores. A vacinação é a única forma de prevenção dessa doença, que acarreta tanto prejuízo na condição física e capacidade motora do indivíduo, além de ser contagiosa.

Para um homem que jogou futebol desde a infância, Armando sofria com aquela condição física do neto, que o impedia de correr uma pelada com os outros meninos de sua idade. Por várias vezes, já havia sonhado com seu neto correndo em sua direção, após marcar um gol. Mas, de repente, toda alegria daquele momento partia num sobressalto.

— Desgraçado! — Era o avô acordando assustado e excomungando o despertador, que o acordava para levar o neto para o colégio.

Amigos inseparáveis e com a rotina de todos os dias úteis irem e voltarem juntos do colégio, quando era dia de pegar os resultados dos exames bimestrais, os dois sempre ficavam nervosos. Ainda que Marquinho fosse um bom aluno, disciplinado e estudioso, suas últimas notas em matemática causaram preocupação, fazendo com que o avô passasse a exigir mais do neto, em especial, nessa matéria e, na ânsia de ajudar o neto, Armando criava suas histórias para estimular Marquinho a estudar.

— Estuda, meu filho! Quando crescer, você vai ver que quem sabe matemática sempre ganha um salário maior do que aquele que não sabe!

– É, vô! Então o Messi, o Cristiano Ronaldo e o Neymar se formaram em matemática, né, vô? – respondeu o neto com um sorriso no rosto.

– Bem! É! Não estou falando de jogador de futebol! – enrolou-se o avô.

– Hahahah! Tá bom, vô! Pode ficar tranquilo que dessa vez eu vou me dar bem na prova!

Lembrando-se dessa passagem, o avô estava ansioso para chegar logo a hora de pegar o neto no colégio. Claro! Estava doido pra saber se o garoto havia se dado bem no exame. Ele não era apenas torcedor, era o chefe de torcida. E coruja do jeito que era, partiu para pegar o neto com meia hora de antecedência. A espera só serviu para deixá-lo mais ansioso.

Batido o sinal de saída, foi aquele alvoroço, uma correria danada, gente falando, gente gritando, um tumulto que, por um momento, lembrou-lhe a final do campeonato que assistira no fim de semana com o neto.

De longe, ele avistou o menino andando apressadamente em sua direção e, mesmo com toda a dificuldade, pareceu-lhe que a velocidade do garoto es-

tava maior do que já tinha visto antes. Apressou seu passo, preocupado com um possível tombo do neto, mas esse parecia só querer gritar.

– **É campeão! É campeão!**

E logo o avô soube que seu neto havia tirado dez, e veio a emoção! Com os olhos marejados, ele se lembrou de seus sonhos, agarrou o neto no colo e chorou! Ficou naquele abraço o bastante para sentir toda a alegria e felicidade do mundo, certo de que dessa vez o despertador não iria estragar seu momento.

Agora, vinte e três anos depois, enquanto a seleção brasileira de futebol está no aeroporto do Galeão para ir a Europa, com a finalidade de cumprir uma agenda de jogos amistosos, Marquinho está no mesmo local, despedindo-se de sua família para uma via-



gem à Londres, para disputar o Campeonato Mundial de Matemática. Ao abraçar seu pai ele ouve palavras que o levam às lágrimas:

– Se seu avô ainda estivesse vivo, tenho certeza de que ele estaria aqui, mas seja lá onde ele estiver, certamente, está muito orgulhoso de você.

---

NOTA

A Campanha Nacional de Vacinação contra a Poliomielite foi criada em 1980, com o objetivo de imunizar toda a população infantil brasileira, e tem dado certo: o Brasil não registra casos da doença há 22 anos. A doença já foi erradicada das Américas, mas ainda persiste em países como Afeganistão, Índia, Nigéria e Paquistão. Além do Brasil, 42 países realizam campanhas contra a poliomielite.

## *Tropa de elite*

Toda noite é a mesma coisa, depois de um árduo dia de trabalho, eles se encontram para um *happy hour*, onde trocam ideias, conversam sobre suas experiências e, claro! Falam bastante da vida dos outros. Nem todos chegam à mesma hora, uns por atraso, outros por horários diferentes de serviço, mas a maioria sempre se encontra ao anoitecer, quando a população já está sonhando. No entanto, existem aqueles que dão expediente à noite e aproveitam para se encontrar durante o dia mesmo. É um momento de descanso, direito de qualquer trabalhador e necessário, principalmente, para quem trabalha com segurança.

Quando Daniel chegou, já havia várias rodas de conversa formadas, e como ele já conhecia bem a todos, percorreu o ambiente cumprimentando uns, abraçando outros. Com alguns, detinha-se um pouco mais para saber das coisas, atualizar-se sobre os úl-



timos acontecimentos ou ouvir aquelas histórias do serviço executado por cada um.

— Fala Habuhiah! Há tempos não te vejo, por onde você anda?

— Fala Daniel! É verdade, já faz tempo que a gente não se vê! Eu continuo fazendo segurança da Dona Elizabeth, ela agora está mais calma, eu só fico monitorando seu esforço e o coração, mas já me deu muito trabalho.

— Essa Elizabeth é aquela que foi sequestrada anos atrás?

— Sim, a própria. Naquele dia ela me deu trabalho, hein! Lembra-se do caso? — respondeu Habuhiah, doido para contar seu feito mais uma vez. — Dois pivetes a sequestraram juntamente com o filho e, em determinado momento, um dos pivetes a chamou de tia. Putz! Não prestou. Ela ficou possessa pelo marginal tê-la chamado de tia e fechou o tempo. Bem, mas a gente estava lá pra protegê-la... hahaha. Deu tudo certo!

— Hahaha! É isso aí, irmão, esse é o nosso trabalho! Temos que proteger essa galera, porque o negó-

cio está brabo mesmo. Mas, me responde uma coisa, Habuhiah, por que desde que você começou a trabalhar na segurança da Dona Elizabeth, você passou a usar óculos escuros?

— Tá brincando, Daniel! Ela desde nova sempre teve uma Luz muito forte, mas com o passar do tempo e com seus trabalhos de caridade, essa Luz foi aumentando e, se antes já não dava para ficar perto sem óculos, imagine agora! Rapaz, ela continua firme e forte, prestando ajuda ao Instituto Ronald, que luta contra o câncer infantil. Não se trata somente de ter bom coração e vocação para fazer caridade, é acima de tudo uma questão de força e coragem. O acompanhamento e convívio com as crianças criam laços de carinho e afetividade que, em função da enfermidade que elas enfrentam, são rompidos prematuramente. É uma luta que Dona Elizabeth e outros voluntários enfrentam com muita dedicação e firmeza. E, no caso da Dona Elizabeth, tem mais! Ela diz que vai viver até os cem anos, e quer saber? Eu acho que vai passar fácil!

— É, meu amigo, então acho melhor você procurar uma academia pra ficar em forma... hahaha. Não vai dar mole, hein! Sabe que o chefe é muito gente

boa, mas quando a rapaziada vacila, vira o tempo! Não queira vê-lo nervoso.

– Que isso, Daniel, você tá doido! Eu me cuido, meu amigo! Estou atento e vou acompanhar Dona Elizabeth até o final, disso não tenha dúvida!

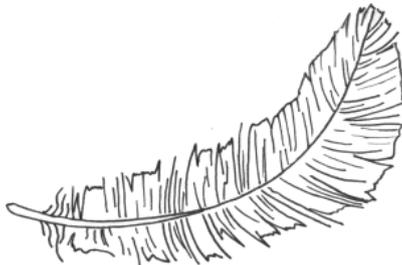
– Bacana, Habuniah! Bom serviço. Vou dar uma rodada por aí pra ver o pessoal.

– Valeu, Daniel! Bom te ver.

O bate-papo era animado e estavam todos concentrados nas histórias que alguns contavam, mas ninguém deixava de acenar para Daniel, que ficou intrigado em ver um velho amigo segurando um capacete de motociclista.

– Como vai, Nemamiah, tudo bem? Capacete novo?

– Oi, Daniel! Tive que trocar o antigo por um mais novo, o outro já estava bem avariado. Fazer proteção de motociclista não é mole não, Daniel!



– Motociclista ou motoqueiro?

– Dos dois! No fundo, motociclista ou motoqueiro é a mesma coisa, mas por conveniência de alguns, existem interpretações diferentes para os dois termos. Essa história começou na década de 1980, quando passaram a considerar motociclistas aquelas pessoas que usam suas motos para divertimento e passeio, respeitam as leis de trânsito e os demais usuários que estão no trânsito, na condução de outros meios de transporte ou apenas como pedestres. Já o motoqueiro ficou caracterizado como o indivíduo que usa seu veículo para trabalhar, não respeitando as leis de trânsito, além de transitarem nos corredores entre os carros. Bem, de uma forma ou de outra, a verdade é que eles dão muito trabalho!

– É, meu amigo! Realmente não deve ser fácil tomar conta dessa gente – comentou Daniel, imaginando a dificuldade de se livrar, motociclistas ou motoqueiros, do risco diário que eles correm.

– É, Daniel, nem sempre é possível salvá-los completamente, muitos carregam sequelas para a vida toda e nós, que tentamos resguardá-los, às vezes

também carregamos nossas marcas por tentar fechar um retrovisor com rapidez, tirar um cachorro que está no caminho ou por ajudar o condutor a se equilibrar. Em pista molhada e carregada de óleo não tem santo que ajude, imagine eu!

– Parabéns, Nemamiah e continue cuidando dessa gente que teu lugar no céu está garantido.

– Mas e você, Daniel, por onde é que você anda? Não está mais trabalhando não? Eu sei que você não é de ficar voando, quero dizer, voando à toa! Mas vejo que você anda bem mais tranquilo.

– Bem, na verdade, há quase sessenta anos faço a segurança de uma pessoa que pouco me deu trabalho, contudo, agora a coisa melhorou bastante já que ele saiu da metrópole e foi morar na região serrana do Rio de Janeiro.

– Mas o que houve, seu protegido se aposentou?

– Não! Agora ele está trabalhando como nunca, mas como sempre imaginou. Escrevendo poesias e contos sobre os amigos e sobre o anjo que sempre o acompanhou.



---

**NOTA**

O Anjo Habuniah protege as pessoas nascidas no dia 31 de dezembro.

O Anjo Nemamiah protege as pessoas nascidas no dia 27 de julho, que o autor usou como referência por ser o Dia dos Motociclistas.

O Anjo Daniel protege os nascidos no dia 24 de fevereiro, data de aniversário do autor.

## *O mestre*

Ele respondia as perguntas com o olhar, pontuando as frases não ditas com um jogo peculiar de sobrancelhas. Sua larga experiência e sabedoria transformavam qualquer conversa em uma lição de vida. Por mais absurda que fosse a pergunta, nunca se exaltava. Parecia estar sempre em estado de graça e paz. Todos que o conheciam tiravam o chapéu para ele, inclusive os senhores de terno e gravata. Era um verdadeiro espírito de Luz, atraindo pessoas que procuravam orientação e conforto e, para aqueles com fé e perseverança, os resultados de seus ensinamentos e sua benção eram imediatos. Para aqueles que o ouviam e seguiam seus conselhos, a mudança de comportamento e a sensação de bem-estar eram claras e transparentes.

Perdi a conta de quantas vezes já o vi trabalhar. Embora tenha “tempo de contribuição” e já tenha ul-

trapassado em muito a idade mínima, é bastante claro que aposentadoria não faz parte de seus planos. Mesmo porque o corpo que o acompanha não reflete seu tempo de existência na Terra.

— Só o senhor pode me ajudar! — declarava uma mãe desesperada com as atitudes que o filho vinha tomando. — Ele não quer nada com trabalho, não quer ter responsabilidade. E olha que eu sempre lhe dei tudo que pude. Eu e o pai nos sacrificamos para dar a ele tudo do bom e do melhor! Não sei mais o que fazer!

— Minha filha, você e seu marido fizeram o que muitos outros pais fazem também, ou seja, procuram dar aos seus filhos a melhor condição de vida possível, sem perceber a importância de deixar a criança resolver seus problemas desde cedo. Desarrumou, arruma; sujou, limpa; está com pressa, pega e faz.

— Como assim? Não entendi o que o senhor quis dizer!

— Filha, se você sempre faz tudo para o seu filho, não dá espaço para ele aprender. O ser humano precisa ser desafiado, motivado e quando passa por

dificuldades, isso o ensina a se virar sozinho. Não estou sugerindo que você deixe seu filho passar fome, não é isso! Mas deixe que ele retire o prato sujo da mesa. Afinal de contas, não foi ele que o usou?

– Entendi! O senhor tem razão, acho que tanto eu como meu marido, cada um à sua maneira, não demos a ele a liberdade necessária para que tivesse iniciativa em determinadas ocasiões, principalmente, naquelas em que isso seria completamente natural.

– Isso, filha! Primeiro conheça a ti, para depois tentar compreender os outros. Questionar-se é uma boa maneira de evoluir e construir um caminho mais sólido e transparente de convívio com seu filho.

Não por interesse em saber da vida dos outros, mas pela obrigação de estar atento caso precisassem de algo, eu estava sempre por perto e, inevitavelmente, ouvindo suas conversas. Com o tempo, fui percebendo que meus problemas estavam em outras casas, e como as famílias se parecem além da existência de pais, filhos, avós, irmãos, tios, primos, sobrinhos, sogros, noras e cunhados, em todas elas. Percebi que não é só na minha casa que tem goteira; que o valor alto da conta de luz também não tem culpado na casa

do vizinho, embora alguém dentro de casa sempre se esqueça de apagar as luzes depois de usá-las; parece que ter dívidas é lugar-comum a toda e qualquer família. Com exceção dos 10% mais ricos, que estão no topo da pirâmide, o resto se afoga em carnês, cartões de crédito e linhas de empréstimos e financiamentos consignados; unanimidade, taxas e impostos batem na porta de todos.

Em dia de atendimento, o fluxo de pessoas a procurar as orientações e conselhos do mestre é intenso. A diversidade de assuntos impressiona! Problemas de saúde em primeiro lugar? Sim, mas vai de saúde física a mental, passando com frequência pela financeira; geralmente, há reclamações sobre o trabalho e o comportamento de algum familiar; relacionamento conjugal tem *script* de novela, é consulta pra mais de hora; pedido de enriquecimento e prosperidade tem aos montes, alguns chegam a pensar em pedir os próximos números da Mega-Sena. Visível o quanto as pessoas estão desesperadas e temerosas.

— Sim, senhor, meu coração está partido, estou magoado e infeliz por não ter parado o carro para ajudar o sujeito que foi atropelado, eu vi e não fiz nada! Como pude fazer isso? Deixar aquele pobre homem no meio da rua — lamentava-se o rapaz, amargurado

por não ter prestado ajuda ao pedestre.

— Entendo a sua dor, filho! Sua agonia por não ter prestado ajuda a um ser humano, de fato, é comovente, é humano, mas qual foi a razão de você não ter agido, de não ter parado e ajudado a pessoa que foi atropelada?

— Eu já tinha saído atrasado de casa para ir para o trabalho e, como há um rígido controle de horário, eu estava apressado para chegar logo à empresa. Naquele momento, nem passou pela minha cabeça prestar ajuda ao indivíduo, só pensei nisso quando cheguei a minha sala, somente nesse momento parei para pensar no que vi e percebi o quanto fui mesquinho diante da dor de outra pessoa. Eu poderia ter parado e ajudado, talvez ligado para o corpo de bombeiros, mas não fiz nada!

— Filho, quantas vezes, por uma palavra mal dita, ofendemos pessoas da mais alta estima, sem ao menos nos dar conta de ter falado algo tão pernicioso? Por outro lado, muitas vezes, através de palavras ásperas e atitudes grosseiras, agredimos pessoas que nos são caras e, principalmente, ofendemos as pessoas desconhecidas que nos prestam serviço, como o porteiro do prédio onde fomos visitar um amigo e, por ter demorado a abrir o portão, teve que escutar; ou

o garçom que trouxe um bife bem passado, porque não lhe foi dito como queriam o prato, mas como o cliente tem sempre razão, o rapaz foi ameaçado de ser denunciado à gerência do estabelecimento. Sabe qual é a diferença, filho?

— Eu acho que é tudo a mesma coisa! — responde o consulente inseguro.

— Não, filho! Ofender alguém sem a pretensão de fazê-lo é diferente de agir de modo intencional. Da mesma forma, quando você viu o sujeito atropelado e não parou o carro para ajudá-lo, você não teve a intenção de largar o indivíduo à própria sorte, sua mente estava ligada em chegar logo ao trabalho, por isso mesmo, você só se deu conta quando lá chegou. Então, filho, esse sentimento de compaixão que está lhe sufocando, é a prova de que com a mente livre de pressão você teria parado e ajudado o pobre coitado.

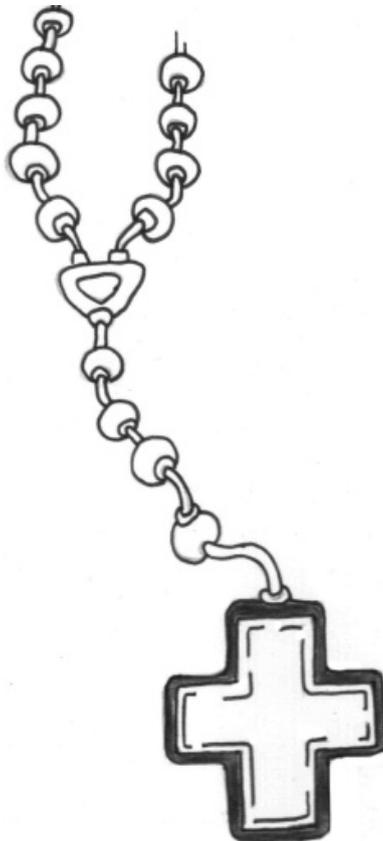
— Obrigado, vô, só o senhor para me acalmar! Realmente, eu fiquei decepcionado comigo mesmo por não ter prestado ajuda, mas o senhor, como sempre, tem razão! Em condições normais eu teria percebido a gravidade da situação e parado para dar socorro. Sua benção, vô!

— Vai em paz, meu filho, e tenha essa caridade sempre em seu coração, ainda que possas, sem per-

ceber, deixar passar a oportunidade de fazê-la. Que Oxalá te abençoe.

É assim que Pai Benedito de Aruanda trata seus consulentes, com paciência, carinho e compreensão.

E foi assim que eu aprendi a ver o mundo de outra forma, sabendo que a felicidade pode ser alcançada, de forma especial, através da caridade e compaixão com os nossos semelhantes.



## *Colegas de trabalho*

Parceiros de trabalho há anos, eles sempre estiveram juntos em grandes batalhas. Inseparáveis, foram mundo afora se adaptando às adversidades locais e enfrentando todo tipo de dificuldade, fossem os mares revoltos, que se opunham à conquista de terras desconhecidas; as florestas densas e perigosas, que guardavam surpresas e riquezas nunca imaginadas; as montanhas que abrigavam os inimigos do equilíbrio e, por vezes, lhes causavam grandes problemas, muitos dos quais por causa do gênio indomável de Bóreas.<sup>2</sup>

Ainda que saíssem juntos para caçar, não estavam lá para se divertir, já que sua presença tinha um único objetivo: suprir a dificuldade que seus donos ti-

---

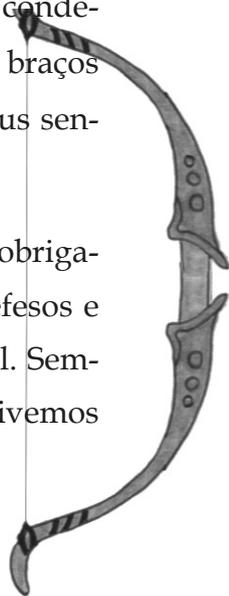
2 Zéfiro, titã filho de Eos e Astreu, é um dos quatro ventos, segundo a mitologia, ao lado de seus irmãos Bóreas, Notus e Eurus. Ao contrário de seu irmão Bóreas, que era forte e imprevisível, Zéfiro era uma brisa suave e um vento agradável.

nham de se aproximarem demais da caça sem serem notados. O arco e a flecha garantiam o alimento da comunidade.

– Estou com as minhas costas completamente em frangalhos — reclamava o arco —, eles estão esticando demais a corda, não estou mais aguentando! Uma hora dessas ainda vão me arrebentar.

– É verdade! Eles usam e abusam de nós. Também não estou bem, estou sentido uma dor de cabeça danada, hoje me levaram para um treinamento de jovens e me fizeram acertar algumas árvores duras que nem pedra. É, meu amigo, só querem saber de nos colocar para trabalhar, não vejo qualquer tipo de reconhecimento desse pessoal, quando muito, condecoram quem nos usa como extensão de seus braços — choramingou a flecha, envenenada por maus sentimentos.

– Sim, durante várias gerações fomos obrigados a lutar contra povos inocentes, seres indefesos e animais perigosos, de forma destemível e letal. Sempre empurrados a cometer atrocidades, não tivemos escolha, seguimos o objetivo de nossa criação.



Arco e flecha reclamavam da vida sem saber que logo teriam seus empregos ameaçados pelo surgimento de uma nova arma. Certamente, o futuro iria lhes trazer uma derrota muito maior, mas, por enquanto, a besta despontava como a substituta natural dos dois. Com um alcance maior e menos tempo de treinamento necessário para que os soldados conseguissem manuseá-la, ela teve seu momento de glória que seria maior, não fosse a dificuldade existente para municiá-la. Perdia-se mais tempo com a besta do que com o uso do arco e da flecha. Parceiros de tantas batalhas, estavam esgotados, deprimidos, mas ao mesmo tempo aliviados.

— É, flecha, estamos velhos. Mas talvez no futuro alguém conte histórias a nosso respeito, não apenas como cúmplices das matanças que presenciamos, e, sim, como instrumentos que trouxeram paz e melhores condições de vida para muita gente — sonhava o arco, refletindo a luz do sol.

— Espero que sim! Mas, infelizmente, nosso destino parece estar ligado à morte e isso não é nada bom! Será que estaremos sempre presos a isso, viveremos para sempre com esse pano de fundo?

– Quem sabe um dia a gente não consiga mudar de vida? Trabalhar de forma mais tranquila, em outra função e com novas atribuições? Eu sou otimista!

O que o arco não sabia é que antes da situação melhorar, eles sairiam de cena para sempre das grandes e sangrentas batalhas.

Inventada pelos chineses, enquanto esses procuravam produzir o elixir da imortalidade, a pólvora causou uma verdadeira revolução nas ações militares, forçando o descarte de outras armas, dentre elas, o arco e a flecha. Porém, aquela que surgiu pela busca da imortalidade, tornou-se um dos mais poderosos agentes de extermínio do mundo.

O tempo ajeita as coisas e quando bem utilizado, gera grandes e boas ideias que unem ex-colegas de trabalho, e foi assim com o arco e a flecha que, depois de um longo tempo sem qualquer protagonismo, voltaram a se encontrar, em 1828, na inauguração da Associação de Arqueirismo, nos Estados Unidos.

– Nossa! Achei que nunca mais encontraríamos um emprego – comentou o arco, feliz da vida por voltar a conviver com sua parceira de trabalho.

## *É cada conto!*

– Mais do que isso, meu querido! Acho que a partir de agora teremos uma atribuição mais nobre, qual seja, a de divertir as pessoas – se regozijou a flecha.

E foi assim que os dois tiveram sua participação inclusa, pela primeira vez, nos Jogos Olímpicos realizados em Paris, em 1900. Embora a modalidade tenha deixado de fazer parte da programação entre os anos de 1924 e 1968, nas Olimpíadas de Munique, realizadas em 1972, a modalidade voltou e se mantém até os dias atuais.



– O que foi, arco, no que você está pensando?

– perguntou a parceira de trabalho, preocupada.

– Adoro participar desses eventos, mas me sinto bem mesmo quando estou nas mãos do Cupido.

– Imagine eu!

## *Emílio*

Ele era um homem normal para os dias de hoje: ansioso e estressado. Sua inquietude diante de temas polêmicos já lhe trouxera críticas contundentes de familiares e amigos influentes. A decisão de sair de alguns grupos no *Whatsapp* já foi resultado do acolhimento de algumas sugestões. Isso lhe trouxe um pouco mais de tempo e paz, possibilitando a criação de um ambiente fértil à reflexão.

É bem verdade que nunca o puderam chamar de mal-educado e prepotente, pois, de fato, não era esse o seu perfil. Sua busca era pelo debate e aprimoramento de ideias, sempre defendendo uma convivência pacífica e respeitosa, o que nem sempre foi possível, mesmo que na maioria dos casos ele estivesse com a razão. Porém, o que o mundo não sabia era de sua luta interna. Ele não conseguia compreender por que razão, diante de uma discussão na qual os fatos e

provas lhe eram francamente favoráveis, desistia de ir adiante sem qualquer explicação lógica. Simplesmente, estancava a fala! Para muitos dos presentes durante esses momentos, era uma atitude que beirava a covardia. Embora esses acontecimentos não fossem frequentes, quando ocorriam, eram prontamente percebidos pelo protagonista.

Seguia-se a esses episódios um terremoto de considerável grau, com a estrutura ética e moral suportando o abalo, mas o terreno sujo após a enxurrada de dúvidas e maus pensamentos, causava-lhe uma insatisfação pessoal que o fazia duvidar de sua decisão de não confronto.

Cansado de procurar uma explicação, Emílio resolveu chamar sua alma para tomar um café e, talvez assim, pôr fim a essa briga interna que tanto lhe atormentava. Ele suspeitava que ela tivesse as respostas que procurava.

— Obrigado pelo convite, Emílio! Já esperava por ele há algum tempo. — Agradeceu a convidada com um ar que beirava o angelical.

— É, imagino que sim! Há uma questão que me aflige e espero sua ajuda para resolver isso.

– Claro! Mas saiba que você sempre teve a minha ajuda. Sempre estive ao seu lado nos momentos mais críticos de sua vida. É claro que você não tomou suas decisões sozinho!

– Eu sabia! Eu sabia que tinha alguma coisa me influenciando! Por que você me fez passar por covarde? Não consigo entender!

– A qual caso você está se referindo? Não me lembro de tê-lo feito passar por covarde em momento algum! – Posicionou-se calmamente a convidada.

– Por exemplo, naquela discussão de trânsito que tive na semana passada, claramente, eu estava certo! Parado no sinal de trânsito, vem o indivíduo e entra na traseira do meu carro, saio para ver o estrago e o cara nem para sair do seu carro para ver o que tinha acontecido!

– Sim, mas não foi só isso!

– Bem, eu fui até ele para cobrar uma explicação e o sujeito estava com cara de pastel. A mulher reclamando dele e o filho, no colo dela, no maior berreiro. Mas eu não tinha nada com isso, estava certo e acabei ficando no prejuízo! – reclamou Emílio.



## *É cada conto!*

– Sim, mas sua decisão de não prolongar a discussão foi porque você percebeu que o carro era antigo, a família humilde e a criança parecia chorar de dor. Portanto, eles poderiam estar correndo para emergência de algum hospital, com o objetivo de socorrê-la o mais rápido possível. Parece-me que você usou do bom senso.

– É, tá bom! Nesse caso tudo bem, mas tivemos outras situações, como aquela em que fui ao shopping. Eu estava esperando para estacionar na vaga de um carro que estava saindo, quando um espertinho veio pelo outro lado e pegou a vaga. Uma tremenda falta de respeito!

– Emílio, a gente sempre sabe como começa um conflito, só não sabemos o rumo que ele pode tomar e suas consequências. Então, você não ter tomado uma atitude mais enérgica foi inteligente e não covarde. Por fim, você sabia que a vaga não era sua, não estava marcada em seu nome e, embora você estivesse sinalizando que iria ocupar o espaço, nem todos têm a educação e o respeito que se espera.

– Ok, ok! Mas, ainda que a gente procure segurar a raiva, nessas horas, fica a indignação. Não dá

para aceitar uma atitude dessas, quando nós procuramos respeitar as regras de boa convivência e respeito ao próximo.

– Meu querido! Não confunda passividade com covardia. Em determinados momentos, o melhor a se fazer é ficar calado, principalmente quando se está com a família e diante de um desconhecido do qual não se sabe o que esperar, inclusive, podendo ocorrer uma reação mais agressiva da outra parte. Imagine levar um tiro por conta de uma discussão por vaga no estacionamento de um shopping! Não lhe parece familiar essa história?

– Sim, você tem razão! – conformou-se Emílio.

Um silêncio pairou no ar. Só se ouvia o barulho dos carros na rua, mas era claro que Emílio procurava se lembrar de outras situações em que pensava que poderia ter sido mais duro e firme no seu posicionamento.

– Ainda que nessas duas situações você tenha me convencido de ter tomado a decisão certa, na cobrança da dívida que meu cunhado tinha comigo, eu poderia ter sido mais duro e falado tudo que penso

dele! Ou você também não acha isso?

– Não! Acho que você só agravaria ainda mais uma situação que já era crítica para toda a família. Quando ele te pediu o dinheiro emprestado, você já sabia o risco que correria, por isso mesmo, só emprestou cinquenta por cento do que ele havia solicitado, não foi?

– Sim, mas isso não quer dizer nada! Mesmo eu só tendo emprestado metade do que ele pediu, se ele não me paga nada do que emprestei, perco cem por cento.

– É verdade, mas ainda assim você se sentiu esparto por não ter emprestado tudo que ele lhe pediu, não é? – provocou a convidada.

– Bem, o fato é que ele foi mandado embora da firma em que trabalhava, recebeu a indenização e o FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) e até agora não pagou nada do que me deve! – desconversou Emílio tentando retomar a rédea da conversa.

– Ele é um tremendo caloteiro, um sem vergonha, aproveitador, sempre dando volta na família. Não sei como pude entrar nessa furada!

– Eu sei! – respondeu a convidada como se houvesse sido perguntada.

– Hum! Só me faltava essa! O que você sabe que eu não sei?

– Eu sei e você sabe também! Quando houve o pedido, sua esposa estava ao lado e, para não ficar mal com ela, você acabou emprestando o dinheiro ao seu cunhado, ainda que por precaução, tenha emprestado somente a metade do solicitado.

– Mas não adiantou nada, acabei perdendo o que emprestei. Eu deveria ter sido mais contundente quando lhe cobre o que me devia, não deveria ter aceitado passivamente a desculpa que agora está desempregado, ele recebeu uma bolada de indenização e nem pra me procurar, nem mesmo em consideração à irmã! Ah! Que raiva isso me dá!

– Mesmo com toda essa raiva, você sabe que tomou a decisão certa em não ter esculachado seu cunhado, se o fizesse, o problema poderia ser maior. Provavelmente, pelos laços que os cercam, sua esposa se posicionaria em defesa do irmão, gerando um mal-estar em seu casamento e consequências imprevisí-

*É cada conto!*

veis, não é verdade?

– Hum! Acho que o meu problema é você! – respondeu Emílio, diante da constatação de que veria todos os seus argumentos derrubados.

– Sim! Mais uma vez você tem razão, mas não percebe que está certo.

– Como assim? Não entendi.

– Você tem uma alma boa, Emílio!

## *À luz da leitura*

Estávamos no verão e fazia um belo dia. Com o sol presente, as crianças logo pediram para ir à piscina. Embora todos soubessem que se deve evitar o horário de banho entre 10h e 15h, como reter aquela “tropa” que acordara às 09h30min, acabara de tomar o café da manhã e, portanto, estavam descansados, cheios de energia e ávidos por divertimento?

Por costume de seu tempo laboral, Seu Antonio acordava sempre às 6h, cuidava dos cachorros, jogava milho para as galinhas e patos, além de regar as plantas de sua esposa. Já tinha como obrigação preparar a mesa do café com o máximo cuidado para não esquecer o ovo mexido do João, os bolinhos de chuva da Bruna e os sanduíches de queijo e presunto do Pedro e do Miguel. Sua paixão era ver todos eles reunidos à mesa, coisas de avô! Ele adorava a época de férias escolares das crianças, pois sabia que os netos gostavam

de passar alguns dias no sítio, onde havia uma boa estrutura para acomodação e divertimento de todos eles. A vida no campo é o anseio de muitos que vivem nas grandes cidades e isso independe da idade.

– Eu não entendo por que vocês não acordam mais cedo para ir à piscina! Agora que o sol está fervendo vocês vão sofrer! – chamou a atenção o avô, mostrando que se “banhassem” primeiro com o protetor solar que a avó Laura já havia deixado sobre um canto da mesa.

– Não se esqueçam de passar o protetor, senão sua avó me mata!

– Vô, onde é que está a vovó? – perguntou a única menina do grupo.

– Foi ao supermercado com seus pais, Bruna! Quando vocês se juntam aqui nossa geladeira fica magra, perde a barriga, temos que encher a pobre coitada. – Sorriu o avô, fazendo graça para os netos.

– É, vô! É o Pedro que assalta a geladeira a noite toda. – Atirou a primeira pedra o irmão.

– Cala a boca, Miguel! Se você subir na balança, a coitada quebra!

– Hum! Ainda bem que não falaram de mim – resmungou João.

– É, João, ninguém falou nada porque você é tão magro que nem vimos que você estava aí... hahaha!  
– provocou Pedro, querendo desviar a atenção dos demais.

– Bem, vamos lá pessoal! Quem vai pra piscina tem que ir agora, pois já são quase 11h, daqui a pouco está na hora do almoço – alertou o avô.

E saiu um tropeçando no outro numa gritaria danada. Borrifa protetor pra cá, pra lá, no chão, na mesa, no olho...

– Ai, João! Você não está vendo o que está fazendo não? Vô! Vô, meu olho! – gritou a menina desesperada.

– O que é que vocês estão fazendo? Me dá isso aqui. Podem descer os três, a Bruna vai comigo depois – gritou Seu Antonio, assustado com o que pudesse ter acontecido com a neta. Querendo ser o mais prático possível, ele abriu a gaveta e pegou o primeiro pano de prato limpo que viu.

– Vem cá, minha querida, vamos limpar isso

logo antes que provoque alguma irritação.

— Vô, mas com pano de prato?! — perguntou a neta assustada.

— É, minha filha! Não vamos perder tempo procurando toalha agora, né? — Logo o avô percebeu que a coisa não era tão séria nem tão verdadeira como parecia. Foi mais implicância com o primo, coisas de família, que já começam na infância.

— É, Bruna, vamos resolver logo isso; daqui a pouco sua avó chega e não deixa ninguém ir pra piscina! — alertou o avô, querendo acelerar a conversa e fugir da manha da neta querida.

Quando Seu Antonio chegou à piscina com sua neta viu os outros três assustados no canto sem saber o que fazer.

— O que foi gente, que caras são essas?

— Vô, tem um sapo dentro da piscina! Que nojo! Eu não entro mais nessa piscina! — reclamou Miguel, o menor dos três meninos.

— Meu filho! A vida rural é assim mesmo, a gente encontra sapo na piscina, leva teco de besouro,

susto com cobra e é acordado bem cedo pelos gritos das maritacas. — Sorriu Seu Antonio, provocando os netos.

— É isso mesmo, Miguel, deixa de ser frouxo! — implicou Pedro com o irmão.

— Tá bom, espertalhão, vai lá e tira você! — respondeu um Miguel zangado por ver exposto seu medo diante de todos.

— Vamos parar! João me dá aquela rede de piscina que vou tirar esse intruso — disse o avô procurando contemporizar.

Após o avô retirar o sapo, mosquitos e folhas, TCHIBUM! Finalmente, parecia que a paz iria reinar por alguns momentos, provavelmente, até alguém achar de jogar polo aquático com uma surrada bola vermelha que parecia ter sido enterrada debaixo da espreguiçadeira.

Por volta de uma hora depois do primeiro mergulho, a luz do sol se viu impedida por nuvens escuras que vinham do Norte. Seu Antonio já sabia que aquilo não era um bom sinal. Logo começou a correr um vento não muito forte, mas que trazia o recado de

que o tempo iria mudar. Diante disso, o avô bradou como um grande comandante:

– Vamos, gente, por hoje acabou! Amanhã vocês voltam. Vamos subir que o almoço está quase pronto!

– Ah, vô! Só mais um pouquinho – reclamou a melosa da turma.

– Não, Bruna, vamos subir! Com esse vento daqui a pouco você está resfriada e aí acabaram-se as férias, tá bom? Vamos subir – sentenciou Antonio.

Não demorou muito para que o vento desfolhasse algumas árvores, anunciando que no dia seguinte a limpeza da piscina seria mais trabalhosa. Logo o céu estava completamente escuro, parecendo noite. O tempo parecia enganar os passarinhos que voltavam para casa achando mesmo que já estava na hora de se recolherem. Infelizmente, a ventania nunca traz boas notícias para eles, pois muitos ninhos voam longe com a força dos ventos.

Até que todos tomassem banho e se arrumassem para o almoço, vó Laura acreditava que a refeição já estaria pronta, isso antes das 15h, pois os adultos já

estavam com cara de fome. As crianças, não! Criança gosta de farra e belisco e é uma dificuldade fazer com que elas se sentem para comer direito. Entenda-se comer direito como se alimentar bem, almoçar e jantar à mesa com a família. Comer o prato do dia sem que haja necessidade de se fazer algo extra, como um hambúrguer, um misto-quente ou um ovo frito. Os netos têm uma aptidão nata para fazerem com que os avós quebrem as regras que aplicaram sobre os filhos.

Logo após o almoço, as crianças se deliciaram com as sobremesas da vovó. Dona Laura, era craque na cozinha e sabia fazer alguns doces como ninguém. O brigadeirão era unanimidade entre os netos; o doce de banana era o preferido do Seu Antonio, que o complementava com uma bola de sorvete de creme; por fim, o manjar dos deuses, que vinha acompanhado de uma deliciosa calda de ameixa. Os adultos adoravam e, de fato, era uma maravilha!

Após a sobremesa, e diante da escuridão que persistia lá fora, com alguns clarões e barulho de trovoadas que vinham de longe, as crianças correram para seus celulares. João, que já tinha quatorze anos, era o mais velho dos netos. Acessou o *Whatsapp* para

conversar com uma menina de sua sala de aula e, quando os dois se comunicavam isso poderia levar horas. Coisa de adolescentes apaixonados. Pedro e Miguel que eram irmãos e tinham doze e dez anos, respectivamente, gostavam de jogar *Fortnite* em seus celulares, e depois de algum tempo jogando, pareciam tão hipnotizados que para chamar por eles era preciso tocá-los de tal forma que voltassem à vida real. A caçula tinha apenas sete anos, mas Bruna era tão esperta e sagaz que por muitas vezes conseguia enrolar os mais velhos. Já alfabetizada, gostava de ler e chamar a atenção de seu avô, que era autor de um livro de poesias e tinha a leitura como *hobby*. Ela conversava com o avô quando um forte estrondo assustou a todos. Pela janela podiam ver que uma árvore com o tronco rachado fora atingida por um raio, ele estava queimado e soltava uma leve fumaça que levou todos a pensarem na força da natureza.

Logo, uma forte chuva provocou o aparecimento de goteiras em algumas partes da casa. Dona Laura corria de um lado para o outro, colocando balde, arrastando panelas e reclamando do marido!

— Há quanto tempo eu venho te falando para

consertar esse telhado, Antonio? Olha aí, a quantidade de goteiras que surgiu nessa casa, pelo amor de Deus!

— Eu sei, Laura! Mas não deu para fazer isso porque tínhamos outras prioridades, mas amanhã vou ver isso — respondeu o marido dando uma desculpa sem muita imaginação.

— Ah! Sim, amanhã com o telhado molhado e escorregadio é que você vai ver isso? Contrata alguém pra ver isso, homem! Você não tem mais idade pra ficar correndo esse tipo de risco, deixa de ser pão-duro!

— Tá bom, Laura! Vou fazer isso. — E calou-se o marido, satisfeito pela preocupação da esposa e triste por ter que gastar com algo que ele achava que poderia fazer.

— Meu Deus do céu, que chuva é essa! — resmungou Laura.

— É mesmo, vó, que aguaceira danada! Olha lá fora, a escada parece uma cachoeira! — chamou a neta, assustada com o que via pela janela.

— Ih! O balde que você colocou na sala já encheu, vó. Chuva maluca, coisa horrível! — falou João

no intervalo em que aguardava retorno de sua mensagem.

– Gente! Não reclamem, tem pessoas que estão na rua, desabrigadas por perderem suas casas, móveis, roupas. Essas goteiras a gente resolve amanhã. A chuva vai passar e amanhã vamos consertar o telhado. Vocês ficam reclamando da chuva, mas deveriam agradecer que ainda tem luz – falou Antonio, querendo aproveitar a situação para mostrar aos netos que, apesar de tudo, eles estavam em condições muito melhores do que várias pessoas.

Em área rural, quando chove é difícil a rede de energia elétrica não sofrer algum dano. É galho de árvore que cai sobre os fios e arrebenta tudo; é transformador que explode; é poste que desaba por causa das enxurradas. Mas quem mora na cidade pouco sabe disso, então, quando faltou luz, Seu Antonio foi logo acusado de ser o culpado por ter previsto a queda de energia.

– Caramba, vô! Que boca, hein! Foi só o senhor falar, que a luz caiu – gritou Pedro, frustrado por perder a conexão de Internet.

– É, vô, agora além de ficarmos no escuro não

tem nada pra fazer! — corroborou Miguel com a reclamação do irmão.

Seu Antonio que já tinha seu plano B para essa situação, logo apareceu com velas acesas e as distribuiu pela sala onde todos se concentravam. Pôs uma sobre a mesa, puxou a cadeira, pegou seu livro e lá foi ele para o seu mundo. Depois de algum tempo, os netos foram chegando para perto do avô, afinal de contas, não tinham nada para fazer mesmo e talvez ler algo fosse bem melhor do que ficar esperando pela volta da Internet.

— Oi, vô! — disse Bruna com cuidado para não dar um susto no avô. — O que você está lendo?

— Oi, minha filha! Vovô está lendo um livro intitulado *Tinto*, de Nilzanira Reyes, uma amiga poetiza da Academia de Letras Joaquim Osório Duque Estrada, de Paty do Alferes. Seus poemas demonstram muita sensibilidade diante de fatos ocorridos durante sua infância e juventude. Generosa, ela lembra e homenageia aqueles que marcaram sua vida.

— Caramba, vô, o senhor gosta de vinho mesmo, hein! — falou Miguel, fazendo com que todos caíssem na gargalhada.



— Na verdade, seu vô gosta muito de vinho, mas também adora ler. Você sabe que o livro é um dos melhores amigos do homem? É verdade, ele nos leva em grandes viagens e por meio dele conhecemos várias culturas, países, histórias que nos fazem amadurecer e refletir sobre nossa vida. Nos livros, encontramos tudo que queremos e precisamos saber, além de enriquecer nosso vocabulário para podermos nos expressar através da fala e da escrita, cada vez melhor. — Aproveitou para ensinar o avô. — Bem, o que vocês querem? Também vão querer ler alguma coisa? Posso sugerir um livro para cada um e, então, ficamos todos lendo, o tempo passa e quando vocês perceberem a luz já voltou, ok?

— Tá bom, vô, eu quero ler um livro também — se pronunciou João que, por ser o mais velho da turma, acabou influenciando positivamente a opinião dos outros. Por fim, todos acabaram concordando com a ideia do avô.

Seu Antonio foi até sua biblioteca e logo voltou com um livro para cada neto.

— Vamos lá! Primeiro pra Bruna que é a mais nova e única menina da turma. Eu trouxe para você o

livro *As Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato.

— Eu conheço o Pedrinho, vô! Ele é do Sítio do Picapau Amarelo, não é? — disse Bruna, orgulhosa por conhecer o protagonista da história que iria ler.

— Sim, é isso mesmo. Monteiro Lobato é um dos mais importantes autores da literatura brasileira. Miguel, pra você eu trouxe o *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, ok?

— Está ótimo, vô! Adorei — respondeu Miguel, levantando as sobrancelhas de desconfiança do avô.

— Pedro, para você vovô trouxe uma obra prima, *O Pequeno Príncipe*, do escritor francês Antoine Saint-Exupéry. Esse é o terceiro livro mais lido do mundo ficando atrás apenas da Bíblia e do Alcorão. Ele já foi traduzido para 280 idiomas e dialetos.<sup>3</sup> — Obrigado, vô, mas será que eu consigo ler ele antes da luz voltar?

— Não se preocupe com isso, meu filho! O mais importante é você entender e guardar as mensagens que o autor tenta nos transmitir, ok? E pra você, João,

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/icone-pop-lido-em-280-idomas-pequeno-principe-celebrado-em-novas-edicoes-filme-16717363>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

eu trouxe *O Alquimista*, de Paulo Coelho. Desse livro, já foram vendidos mais de 135 milhões de exemplares com tradução para 69 idiomas, inclusive para as línguas indígenas aimará e quíchua.<sup>4</sup> Acho que você se identificará com Santiago, que é um rapaz jovem que adora viajar e está atrás de sua Lenda Pessoal. Conhece várias pessoas e lugares, está sempre vivendo uma aventura e se apaixonando por algumas garotas, assim como um neto que tenho, conheces algum? — brincou o avô.

— Hahaha! Que isso, vô, a Solange é só minha amiga.

— Hum! Ok, eu acredito! — respondeu Antonio com aquele sorriso entre os lábios.

Feita a distribuição dos livros, as crianças sentaram-se à mesa e, sob a luz de velas, cada um começou sua leitura, distanciando-se daquela preocupação ha-

---

4 O *Alquimista*, de Paulo Coelho, a obra mais vendida no Brasil, foi traduzida para as línguas indígenas aimará e quíchua por uma editora boliviana que a apresentou na Feira do Livro de La Paz. O romance, editado pela primeira vez em 1988, já vendeu no mundo 135 milhões de exemplares e foi traduzido para 69 idiomas, marca registrada no livro Guinness dos Recordes, segundo “La Razón”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/08/o-alquimista-de-paulo-coelho-foi-traduzido-para-aimara-e-quichua.html>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

bitual com o uso do celular.

Já era tarde quando a luz voltou. Seu Antonio percebeu que as crianças pareciam estar hipnotizadas, tal o nível de concentração que apresentavam. Ele se sentiu feliz por suas escolhas. O único que se levantou para não mais voltar foi Miguel, o avô presumiu que ele não havia se interessado muito pela história de Ariano e, por isso mesmo, preferiu ir para o quarto, provavelmente, para seu vídeo game. O avô preferiu não fazer qualquer comentário naquele momento para não prejudicar a atenção dos demais. Com cuidado, levantou-se e foi se recolher também. No dia seguinte, iria descobrir o que as crianças acharam das histórias que leram.

Já eram 10 horas quando os netos acordaram para o café da manhã. Sabiamente, Seu Antonio havia retardado seus serviços de cozinheiro para que os ovos mexidos, os bolinhos de chuva e os mistos-quentes não ficassem frios, na hora em que as crianças viessem para o desjejum.

— Bom dia, criançada, tudo bem? Então, tiveram uma boa noite de sono? — perguntou o avô.

— Vô, eu dormi tanto que nem sonhei! Eu consegui ler meu livro até a parte que os bichos da floresta invadem o sítio. O Pedrinho é muito bom! Ele teve a ideia de fazer pernas de pau de quatro metros de altura, para todo mundo ficar bem no alto. As onças só conseguiram pular até três metros e noventa e cinco centímetros e não pegaram ninguém... Hahaha! As onças são burras, né, vô? Era só elas empurrarem as pernas de pau que iria cair todo mundo no chão!

— Não, Bruna, as onças não são burras, elas são até muito espertas, mas só que você é mais esperta do que elas... hahaha! — Sorriu o avô, todo satisfeito com a inteligência de sua neta.

— Vô, aqui no nosso sítio tem onça? — perguntou a neta assustada.

— Não, filha, aqui não tem onça!

— É, vô, mas aqui no livro diz que “os homens andam a destruir todas as matas, a queimá-las, a reduzi-las a pastagens para bois e vacas”. Isso não vai fazer os animais selvagens invadirem nossa casa?

Impressionado com a interpretação de sua neta, Antonio se deu conta de que a preocupação com o desmatamento das florestas brasileiras já existia à época da publicação do livro de Lobato, em 1933. Contudo, achou melhor mudar de assunto para não despertar

medo na menina. O importante pra ele era que ela mantivesse o interesse na leitura.

— Fique despreocupada que aqui no sítio não vai aparecer onça, tá bom? Continue a ler o livro e você vai descobrir como a boneca Emília consegue salvar todo mundo.

— Depois do café eu não vou nem pra piscina, quero ver o final dessa história! — disse a menina, doida para retomar sua leitura.

Ciente de que Miguel era o mais moleque de todos e, lembrando-se de que foi ele o primeiro a correr para o quarto quando voltou a luz, Antonio direcionou sua atenção para João e Pedro:

— E vocês, conseguiram acabar de ler seus livros?

— Eu acabei — respondeu João —, e eu gostei desse negócio de que “o universo conspira a nosso favor”. Isso é verdade, né, vô?

— Sim, meu filho! Mas não se esqueça de que o universo conspira a nosso favor, desde que a gente tenha fé e força de vontade em busca de nossa Lenda Pessoal.

— Eu entendi, vô! Aprendi que a gente deve ir atrás

## *É cada conto!*

de nossos sonhos e é isso que eu vou fazer, só vou parar quando der aquela sensação de estar com a Alma do Mundo. Eu até marquei essa parte: “Quando você deseja algo de todo o seu coração, você está mais próximo da Alma do Mundo. Ela é sempre uma força positiva.”

— E é “justamente a possibilidade de realizar um sonho que torna a vida interessante”. Que bom você ter gostado, João! Espero que como o protagonista da história de *O Alquimista*, você perceba que a busca pelo conhecimento e a leitura, tornam a vida muito mais agradável — finalizou Antonio. — E você, Pedro, o que achou de *O Pequeno Príncipe*?

— Adorei, vô! Marquei o livro quase todo. Eu sabia que o senhor ia perguntar mesmo! — Sorriu o neto.

— E o que você guardou de tão importante?

— As ideias de que eu mais gostei foram: “As pessoas são solitárias porque constroem muros ao invés de pontes” e “É loucura odiar todas as rosas porque uma te espetou”. Posso ficar com esse livro pra mim, vô? Estou com medo de, com o tempo, esquecer o que esse livro ensina.

— Claro, pode ficar com ele pra você! Principalmente pra você nunca esquecer que “todas as pessoas grandes

foram um dia crianças — mas poucas se lembram disso”.

— Mas o senhor não se esqueceu, não é, vô? O senhor é o melhor avô do mundo!

Antonio mal conseguia disfarçar a emoção provocada pelas palavras do neto. Os olhos lacrimejavam quando ele, virando-se para o lado, chamou por Miguel.

— Oh, Miguel! Cadê você?

— Estou indo, vô! — Logo o moleque estava ao lado dos demais, mas não trazia o livro.

— Então, Miguel, você conseguiu ler seu livro todo ou pelo menos boa parte dele?

— Sim, li tudo, vô.

— E o que você pode nos contar da história que você leu? Aliás, cadê o livro?

— Bem, vô, o senhor não vai acreditar o que me aconteceu! Logo que voltou a luz eu fui para o meu quarto e deixei o livro em cima da cama. O Beethoven estava deitado no chão e, quando me viu, começou a balançar o rabo e fazer festa, pulando e batendo com a pata no livro, eu não entendi nada! Ele conseguiu abrir o livro e ficou olhando pra ele como se estivesse lendo. Eu fui ao banheiro e quan-

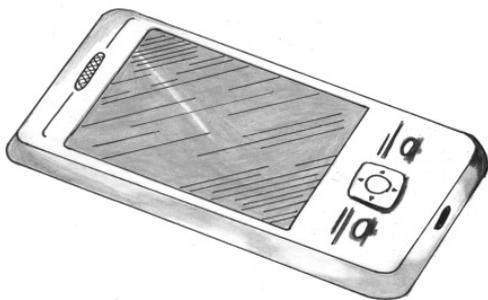
do voltei o cachorro sumiu, ele e o livro!

— Ah! Miguel! Miguel! Então quer dizer que o Beethoven estava lendo o livro e, gostou tanto que o levou pra ler em outro lugar? — perguntou sarcasticamente o avô.

— Não sei, vô, só sei que foi assim!

A resposta de Miguel, lembrando as frases e desculpas do personagem Chicó, deixou em Antonio a esperança de que o garoto tivesse lido pelo menos uma boa parte da história de Suassuna. Mas, ainda assim, uma ponta de preocupação com a estória inventada pelo moleque não deixou de lhe causar aflição. Certamente, ele ficaria mais preocupado ainda se soubesse o que João e Pedro comentavam ao pé do ouvido:

— Só falta o vovô descobrir que o Miguel não leu livro nenhum, mas, sim, viu o filme todo pelo celular!



## *Pandemia*

Corria o final do ano de 2019.

E, no seu quartel general, a Morte planejava um ataque ao planeta Terra.

– Vamos! Vamos! Precisamos atacar e acabar com esse planeta de uma vez por todas. E lembrem-se: não admitirei fracassos como em outras épocas, não quero falhas! Chega de planejamento, isso já nos tomou muito tempo e a Humanidade tem reforçado suas barreiras contra nossos ataques. Se não mostrarmos logo nossa força, os humanos se convencerão de que, realmente, poderão se tornar imortais, felizes que estão com o aumento de sua longevidade! Por onde iremos começar?

Uma equipe formada por representantes de várias doenças e agentes do caos estava reunida na sala de comando e a Gripe deu um passo à frente:

– Estamos prontos, Senhora! Particularmente,

eu me preparei bastante para isso, adquirindo novas habilidades, portanto, farei o ataque inicial em uma província da China e depois o restante da equipe, que já está posicionada por toda parte, fará o resto. Até que os “generais” adversários percebam nossa força, já teremos ocupado uma boa parte do país e do mundo.

— Mas, por que não atacamos primeiro os Estados Unidos? — perguntou a Morte. — Ficaram com medo por se tratar da maior potência do mundo?

— Não, Senhora! Permita-me lhe apresentar nossa ajudante técnica, Dona Intriga, que atuará infiltrada com o objetivo de minar as frentes de defesa da Humanidade. Por favor, Intriga, apresente seu plano de trabalho.

Obviamente, essa foi uma presença questionada por vários que ali estavam, já que a Intriga nem sequer é reconhecida como doença e, portanto, pelo menos naquele momento, não viam qualquer sentido em contar com sua presença.

— Bom dia a todos. Apesar de alguns aqui não estarem entendendo a importância do meu papel nes-

ta história, tenho certeza de que, com o passar do tempo, logo se convencerão do contrário – falou Intriga, destilando seu veneno e provocando o que sabia fazer de melhor. – Antes de qualquer coisa, gostaria de falar um pouco do meu currículo, dizendo que estudei por vários anos os Axiomas da Ineficiência e as Marchas da Insensatez, e foi por isso mesmo que aconselhamos que o ataque inicial seja na China. Caso atacássemos os Estados Unidos primeiro, todos formariam de imediato uma rede de proteção, prejudicando a infiltração de nossos agentes em outras partes do mundo. A cultura e os costumes chineses proporcionam uma oportunidade única para a implantação e disseminação de nosso ataque, muito melhor do que qualquer nação ocidental; nossa estratégia é transformar as fissuras entre as culturas em verdadeiras rachaduras, provocando a discórdia e o enfrentamento entre as lideranças; haverá xenofobia e racismo contra pessoas de descendência chinesa e do leste asiático; iremos estimular o nacionalismo e o populismo, criando barreiras para a ajuda e o intercâmbio entre os governos, como forma de dificultar o acesso a materiais e drogas que tentarão



usar na busca e avanço de pesquisas e antídotos à nossa artilharia.

— Sim, mas ainda que tudo isso seja verdade, a Humanidade conta hoje com um serviço de inteligência artificial formidável, algoritmos e robôs que monitoram deslocamentos e o comportamento dos humanos, isso deverá gerar dados estatísticos que serão usados para inutilizar nossos ataques; as condições sanitárias, de higiene e de habitação de hoje, diferem em muito das existentes na época em que atacamos com a Peste Negra, que também teve origem na China,<sup>5</sup> ou da Gripe Espanhola, que teve início nos Estados Unidos.<sup>6</sup>

Precisamos ser mais eficazes — ponderou a Co-

---

5 A peste negra, também conhecida como Peste Bubônica, Grande Peste ou Peste, teve sua origem no continente asiático, precisamente na China. Sua chegada à Europa está relacionada às caravanas de comércio que vinham da Ásia através do mar Mediterrâneo e aportavam nas cidades costeiras europeias, como Veneza e Gênova. Foi a pandemia mais devastadora registrada na história humana, tendo resultado na morte de 75 a 200 milhões de pessoas na Eurásia, atingindo o pico na Europa entre os anos de 1347 e 1351. Calcula-se que cerca de um terço da população europeia tenha sido dizimada por conta da peste.

6 A gripe espanhola foi uma pandemia que aconteceu entre 1918 e 1919, atingindo todos os continentes e deixando um saldo de, no mínimo, 50 milhões de mortos. Não se sabe o local de origem, mas sabe-se que ela se iniciou de uma mutação do vírus Influenza. Os primeiros casos foram registrados nos Estados Unidos.

mandante.

Tomando a palavra para si, a Gripe, que já estava vestida com seu uniforme de guerra, onde se lia na lapela “Covid-19”, explicou a estratégia que havia montado para facilitar a sua propagação.

– Minha Senhora, como já comentamos, infiltramos vários agentes nos gabinetes e sedes de alguns governos e parlamentos para facilitar nossos planos de ataque. A Senhora conhece bem os serviços de espionagem e crueldade da Dúvida. Ela foi instruída a atrasar as ações da OMS (Organização Mundial de Saúde), para que possamos aproveitar a liberdade de trânsito e viagens, com a função de expandirmos o raio de ação das estratégias formuladas. Depois que tivermos atravessado fronteiras, as tropas instaladas atacarão, preferencialmente, os mais velhos, fracos e que já sejam portadores de algumas das doenças crônicas representadas aqui nesta sala por: hipertensão, asma, diabetes e outras que se engajarão ao nosso ideal durante a missão.

– E por que não atacar principalmente os recém-nascidos e mais jovens, eliminando assim as novas gerações? – Quis saber a Morte.

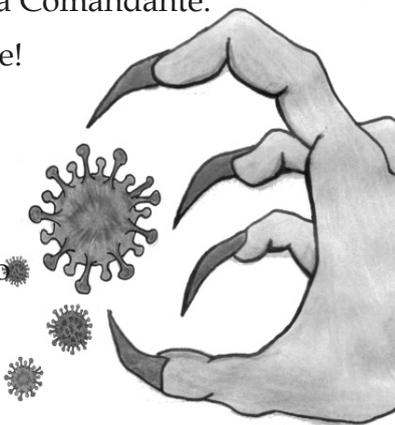
– Porque eles são mais fortes, protegidos e decididos. Estariam imunes às nossas estratégias de ataque, pois sabem muito bem o que querem, não têm dúvidas; não estão sujeitos às intrigas que corrompem, atrasam o desenvolvimento humano e arrebenham com qualquer corrente de união e resistência às nossas incursões

– explicou o suboficial Óbito que, costumeiramente, acompanha a Comandante.

– Então, vamos ao ataque!

Aproveitaremos o momento de estresse no relacionamento entre Gaia e a Humanidade.

Gaia está fraca, debilitada e não conta com o apoio de parte daqueles que elaboram as leis e normas de uso do ambiente.



A Humanidade está focada no crescimento do PIB mundial; no desenvolvimento de novos produtos para a continuidade do consumo humano; na exploração do petróleo, do xisto e de novas fontes de energia; na descoberta de novas áreas de mineração e extração de riquezas naturais; na distribuição de lucros e dividendos para o mundo corporativo e seus acionistas.

Sim, a hora é essa! Enquanto estiverem pensando nas comemorações de um novo ano, estaremos serpenteando a Humanidade.

E foi assim que tudo começou.

O primeiro caso de que se tem notícia surgiu no dia 1 de dezembro de 2019, mas só foi reportado no dia 31 de dezembro,<sup>7</sup> provavelmente, por ação da Dúvida que perdurou por trinta dias.

No dia 30 de dezembro de 2019, um médico chinês chamado Li Wenliang, fez o alerta sobre o surgimento de um novo coronavírus, no entanto, três dias depois ele foi intimado pela polícia chinesa a declarar formalmente que o alerta que fez era um comportamento ilegal. No quartel general da Morte, houve um brinde ao desempenho profissional da Intriga e no dia 6 de fevereiro de 2020, a Gripe executou o médico delator, tornando-o um dos mártires dessa guerra.

---

7 A pandemia de COVID-19 é uma doença respiratória aguda causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). A doença foi identificada pela primeira vez em Wuhan, na província de Hubei, República Popular da China, em 1 de dezembro de 2019, mas o primeiro caso foi reportado em 31 de dezembro do mesmo ano. Acredita-se que o vírus tenha uma origem zoonótica, porque os primeiros casos confirmados tinham principalmente ligações ao Mercado Atacadista de Frutos do mar de Huanan, que também vendia animais vivos.

Tudo corria como o planejado quando uma sirene tocou alto na sala de comando, chamando a atenção de todos para as telas expostas sobre suas cabeças.

“Coloração da água dos canais de Veneza fica mais clara e nítida, com peixes e aves retornando ao local.” – Lia-se em uma das telas.

“Na China e na Europa, houve significativa redução da poluição das regiões industriais onde a quarentena se implantou.”

– Ah! Gaia está reagindo, está ganhando força! Como vocês não pensaram nisso? – gritou a Morte.

“Voluntários arrecadam doações para famílias de baixa renda.”

“Jovens oferecem ajuda a idosos.”

“Italiana de 104 anos que já era viva na época da gripe espanhola resiste ao coronavírus.”

“Um homem de 104 anos de idade, que sobreviveu à Segunda Guerra Mundial e à pandemia de gripe espanhola, se tornou a pessoa mais velha do mundo a se recuperar do Covid-19.”

– **Idiotas! Idiotas!** Eles vão vencer novamente,

seus incompetentes! Vejam, a Humanidade está se solidarizando e conseguindo sucesso. Quem foi que me falou que era melhor atacar os mais velhos? Que eles são fracos, doentes e desesperançados? Se pessoas com 104 anos estão sobrevivendo, outras se agarrarão a isso e não vão morrer tão fácil como vocês estavam pensando! Preparem-se para uma retirada, pois nós não vamos ganhar essa guerra.

— Mas, Senhora, como é que nós iríamos imaginar que eles conseguiriam fazer com que as pessoas deixassem de ir a shoppings, bares, cinemas e restaurantes; diminuíssem o consumo desenfreado ao qual estavam tão acostumados; passassem a trabalhar de casa, reduzindo os efeitos dos gases estufa; que ricos e pobres, finalmente, entenderiam o valor da vida como muito maior do que o valor material? — falou baixo a Conspiração, com ar de fracassada.

— **Chega!** Não quero mais ouvir nada. Isso terá consequências danosas para todos nós. Eles se prepararão como nunca para outro ataque nosso. Investirão em saúde, em sistemas de saneamento e esgotos, em melhores condições de estrutura e serviço hospitalar da rede pública. Acabou pra nós!

*É cada conto!*

E foi assim que a Humanidade venceu a pandemia do Covid-19. Com regras duras de quarentena e isolamento das cidades pelo mundo afora.

Eu sempre soube que iríamos superar as dificuldades que existiam à época, por isso nunca deixei de frequentar minhas peladas ou de encontrar os amigos no bar da esquina. Mantive minha rotina como era antes do surto e, a única coisa que me faz falta hoje é a minha família, que eu nunca mais vou ver.

Porque eu morri.



## *Bibliografia*

### **Predador**

BALDASSIN, Paula. Samaúma. iGUi Ecologia, 16 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.iguiecologia.com/samauma/>>. Acesso em: 7 out. 2019

DALY, Natasha. O que os incêndios na Amazônia significam para os animais silvestres. National Geographic, 27 ago. 2019. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2019/08/incendios-amazonia-animais-silvestres-queimadas-floresta-amazonica-brasil>>. Acesso em: 23 set. 2019.

DIAMOND, Jared. Armas, germes e aço. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.

GIRARDI, Giovana. Desmatamento na Amazônia ameaça 100 aves de extinção. Exame, 8 jun. 2012. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/desmatamento-na-amazonia-ameaca-aves-de-extincao/>>. Acesso em: 23 set. 2019.

HARARI, Yuval Noah. Sapiens – Uma breve história. São Paulo: L&PM Editores, 2014.

HARPIA harpyja. Wikipédia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Harpia\\_harpyja#H%C3%A1bitos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Harpia_harpyja#H%C3%A1bitos)>. Acesso em: 21 set. 2019.

MENQ, William. Águias brasileiras. Aves de rapina Brasil, 20 abr. 2020. Disponível em: <[http://www.avesderapinabrasil.com/arquivo/artigos/Aguias\\_brasileiras.pdf](http://www.avesderapinabrasil.com/arquivo/artigos/Aguias_brasileiras.pdf)>. Acesso em: 21 set. 2019.

QUAL é a maior ave de rapina do mundo? Super Interessante, 18 abr. 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-e-a-maior-ave-de-rapina-do-mundo/>>. Acesso em: 21 set. 2019.

SER humano é o maior predador e mata até 14 vezes mais que outros animais. Instituto Humanitas Unisinos, 28 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/169-noticias/noticias-2015/546204-ser-humano-e-o-maior-predador-e-mata-ate-14-vezes-mais-que-outras-animais>>. Acesso em: 21 set. 2019.

## **O noivo**

O QUE saber antes de alugar um espaço para sua festa?. Salões de festa, Rio de Janeiro, 26 jul. 2018. Disponível em: <<http://saloesdefesta.com.br/2018/07/26/o-que-saber-antes-de-alugar-um-espaco-para-sua-festa/>>. Acesso em: 4 out. 2019.

DICAS importantes sobre o aluguel de carros para casamento!. Planeta das noivas, 20 fev. 2017. Disponível em: <<http://blog.planetadasnoivas.com.br/dicas-importantes-sobre-o-aluguel-de-carros-para-casamento/>>. Acesso em: 4 out. 2019.

OS dez carros mais alugados para casamento. Gazeta do Povo, 5 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/automoveis/os-dez-carros-mais-alugados-para-casamento-bef33ztyhkn3ifetoyfj731n/>>. Acesso em: 4 out. 2019.

## **O menino e seu avô**

FIOCRUZ. A poliomielite. Fiocruz, 15 jun. 2011. Disponível em: <<https://portal.fiocruz.br/noticia/poliomielite>>. Acesso em: 18 out. 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Poliomielite (paralisia infantil). Biblioteca Virtual em Saúde, 29 nov. 2018. Disponível em: <<http://>

## ***É cada conto!***

bvsmms.saude.gov.br/dicas-em-saude/2854-poliomielite-paralissia-infantil>. Acesso em: 18 out. 2019

### **Tropa de elite**

CAROL. Qual é o nome do seu Anjo da Guarda?. Iquilibrium. Disponível em: <<https://www.iquilibrium.com/blog/espiritualidade/anjos/descobrir-nome-anjo-guarda/>>. Acesso em: 30 out. 2019.

DESCUBRA o nome do seu anjo da guarda pela data de seu nascimento. Astrocentro, 26 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.astrocentro.com.br/blog/anjos/nome-seu-anjo-da-guarda-data-nascimento/>>. Acesso em: 30 out. 2019.

DIA do motociclista. Calendarr Brasil. Disponível em: <<https://www.calendarr.com/brasil/dia-do-motociclista/>>. Acesso em: 30 out. 2019.

INSTITUTO RONALD MCDONALD. Disponível em: <<https://institutoronald.org.br/>>. Acesso em: 30 out. 2019.

### **Colegas de trabalho**

ARCO (arma). Wikipédia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Arco\\_\(arma\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Arco_(arma))>. Acesso em: 14 nov. 2019.

BESTA (arma). Wikipédia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Besta\\_\(arma\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Besta_(arma))>. Acesso em: 14 nov. 2019.

FERNANDES, Cláudio. Invenção da Pólvora. Brasil Escola. Disponível em: <<https://guerras.brasilecola.uol.com.br/idade-media/invencao-polvora.htm>> Acesso em: 14 nov. 2019.

TIRO com arco. Rede Nacional do Esporte. Disponível em: <<http://www.rededoesporte.gov.br/pt-br/megaeventos/olim>

piadas/modalidades/tiro-com-arco>. Acesso em: 14 nov. 2019.

## **Emílio**

NOMES chiques. Disponível em: <<https://nomeschiques.com/emilio-significado-do-nome/>>. Acesso em: 02 dez. 2019.

## **À luz da leitura**

“CAÇADAS de Pedrinho”. Saraiva. Disponível em: <<https://www.saraiva.com.br/cacadas-de-pedrinho-9346971/p>>. Acesso em: 22 fev. 2020.

CINCO motivos para ler O pequeno príncipe. Turma do fundão. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/turma-do-fundao/5-motivos-para-ler-o-pequeno-principe/>>. Acesso em: 21 fev. 2020.

FERREIRA, Valter. Os causos de Chicó – versão completa. 2018. (11m04s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fhxO9u-FBi4>>. Acesso em: 20 fev. 2020.

FLETCHER, Luiza. 10 lições de vida de Paulo Coelho em O Alquimista. O Segredo. Disponível em: <<https://osegredo.com.br/10-licoes-de-vida-de-paulo-coelho-em-o-alquimista/>>. Acesso em: 13 fev. 2020.

O Pequeno príncipe. Editora Melhoramentos. Disponível em: <<http://editoramelhoramentos.com.br/opequenoprincipe/index.html>>. Acesso em: 21 fev. 2020

QUAIS são os melhores horários para pegar sol na praia e na piscina. Cuidados pela vida, 9 de jan. de 2019. Disponível em: <<https://cuidadospela vida.com.br/pele-e-beleza/cuidados-com-a-pele/quais-melhores-horarios-pegar-sol>>. Acesso em: 24 jan. 2020.

## **Pandemia**

AZEVEDO, Tasso. Artigo: COVID-19 e meio ambiente. O Globo, 25 mar. 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/opiniao/artigo-covid-19-meio-ambiente-24326708>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

FERNANDES, Cláudio. Peste negra. História do mundo. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-media/peste-negra.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

HOMEM de 104 anos se torna a pessoa mais velha a se recuperar do Covid-19. RD News, 2 abr. 2020. Disponível em: <<https://www.rdnews.com.br/nacional/homem-de-104-anos-se-torna-a-pessoa-mais-velha-a-se-recuperar-do-covid-19/126402>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

ITALIANA de 104 anos que já era viva na época da gripe espanhola resiste ao coronavírus. G1. Bem estar, 6 abr. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/06/italiana-de-104-anos-que-ja-era-viva-na-epoca-da-gripe-espanhola-resiste-ao-coronavirus.ghtml>>. Consultado em 14 abr. 2020.

MOREIRA, Ardilhes; PINHEIRO Lara. OMS declara pandemia de coronavírus. G1, 11 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

MORRE médico chinês que fez alerta sobre o novo coronavírus. Globo News, 6 fev. 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/GloboNews/posts/3093653397333852/>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

MORTE de médico chinês que alertou sobre coronavírus é confirmada por hospital. G1. Ciência e saúde, 6 fev. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/06/morre-medico-chines-que-tentou-alertar-colegas-sobre-surto-de-coronavirus.ghtml>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

PANDEMIA de COVID-19. Wikipédia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia\\_de\\_COVID-19](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19)>. Acesso em: 14 abr. 2020.

SEM turistas e barcos, coloração da água dos canais de Veneza fica mais clara e nítida. G1. Turismo e viagem, 18 mar. 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2020/03/18/sem-turistas-e-barcos-coloracao-da-agua-dos-canais-de-veneza-fica-mais-clara-e-nitida.ghtml>>. Acesso em: 14 mar. 2020.

SILVA, Daniel Neves da. Gripe espanhola. História do mundo. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/gripe-espanhola.htm>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

VEJA ações de voluntários durante a pandemia de coronavírus em SC. NSC Total, 25 mar. 2020. Disponível em: <<https://www.nsc total.com.br/noticias/veja-acoes-de-voluntarios-durante-a-pandemia-de-coronavirus-em-sc>>. Acesso em: 14 abr. 2020

